

II ANTOLOGIA DA AESSP

© II Antologia da AESSP
Francisca Cerqueira / Walquíria Sampaio (org.)
2017

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem autorização por escrito do autor.

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa:
Pará.grafo Editora

Revisão:
Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cerqueira, Francisca; Sampaio, Walquíria (org.). Antologia da AESSP. Bragança: Pará.grafo Editora, 2017.

140 p. (14x21cm)

ISBN 978-85-93600-XX-X

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Paraense. 3. Poesia Paraense. I. Cerqueira & Sampaio (org.) II. Título.

CDD: B869.1

Pará.grafo Editora

CNPJ: 26.266.199/0001-98 Ins. Est. 15-8-0202684-5
e.paragrafo@gmail.com // www.e-paragrafo.com.br

Francisca Cerqueira
Walquíria Sampaio

(organizadoras)

II ANTOLOGIA DA AESSP

POEMA & PROSA



Dedicamos essa Antologia a todas as mulheres e todos os homens que tem feito dessa terra marabaense um espaço de encantamento, e feito esse encanto da poesia voar para além de suas fronteiras.

A continuidade de sondar o (in)dizível

Eleger palavras para esta antologia é confirmação de mérito literário. É reconhecimento de excelência na construção poético-literária de homens e mulheres que se debruçam nessa prazerosa, mas árdua tarefa de escrever. A Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará (AESSP) presenteia a todos, leitoras e leitores, com a poesia, seja em prosa, seja em verso, permitindo-os conviver com esta coletânea fascinante de textos de aguda sensibilidade, individualidade e beleza no dizer literário que explode no desejo de sonhar palavras libertas das gavetas, das páginas midiáticas, para se eternizar no preciosismo do signo linguístico impresso no livro.

Esta edição delega continuidade de sondar o (in)dizível dos dizeres que permeiam as (entre)linhas de cada escritor. Basta folhear as páginas para vislumbrar o brotar inquietante do (in)consciente transmutado em palavras concomitantes aos diversos sujeitos reunidos nessa antologia. É justamente isto que provocará a empatia de quem tiver nas mãos essa coletânea, perceber que entre gêneros, os meios, os objetos, as formas se diversificam adquirindo contornos que fogem ao simples óbvio, surpreendendo pelo belo, mas incomum, criativo, enredar de palavras e significados. Aqui se percebe modelos produzidos pelo ritmo do voo, onde a harmonia da linguagem verossímil, sentida na rotina da existência se projeta em arte literária desse tempo, que mais do que nunca nos incorpora os sentidos.

Esta publicação, a segunda a se materializar como produto da Associação de Escritores, também reflete o desejo

de se continuar o registro da produção literária, poética, desta região. A primeira saiu em 2015, organizada pelo poeta Airton Souza, que faz parte desta associação, e desta antologia, e a quem homenageamos nesta edição, com a escolha de outra obra artística a que se dedica que é a fotografia. A fotografia de sua autoria ornamenta linda e poeticamente a capa desta edição. E o homenageamos ainda lembrando que este livro também é seu legado. O movimento cultural-literário atual na cidade de Marabá tem se estendido para toda a região sul e sudeste do Pará, ainda ecoando o nome de Marabá por todo o estado e reverberando nacional e internacionalmente pelos prêmios literários conquistados pelo poeta (18 só neste ano de 2017).

Esta publicação, originada nesse banzeiro poético dos nossos amazônicos Tocantins e Itacaiunas, é, pois, resultado do esforço de muitos apaixonados pela arte, pela poesia, que tem se empenhado em continuar e dá força a esse movimento, iniciado pelo poeta, refletido em ações e projetos que resistem através do tempo como o Sarau da Lua Cheia, ações e projetos pensados por ele e pela Poeta Eliane Soares Machado a quem também rendemos nossa homenagem. Mas é, em muito, consequência do ativismo desse poeta pela valorização e divulgação da produção literária dessa região e, consequentemente, pelo incentivo a todos nós que fazemos parte desta confraria poético-literária.

É em resultado desse bordado poético, hoje feito por muitas mãos e batizado nas águas de nossos rios, que esta associação vem conquistando as assertivas dos objetivos principais a que se propôs: promover o livro, a literatura, a poesia; E valorizar a produção literária de todos os empenhados nesse movimento que, além de tudo, nos proporciona momentos de regozijo, de fortalecimento de laços fraternos,

e em qualidade não deixa a desejar em nenhum aspecto comparada a produção de outras regiões do país, fortalecendo a nossa literatura amazônica.

Salve! Salve! Todos os artesãos da palavra participantes dessa antologia!!

Marabá-PA, outubro de 2017

Francisca Cerqueira
Walquíria Sampaio Gouveia
(organizadoras)

Apresentação

Caros leitores, quando a AESSP foi criada, um dos principais objetivos era o de incentivar a leitura e difundir a cultura literária de um modo geral. Portanto, esse papel vem sendo cumprido, não só com a publicação dessa obra literária. Mas, também com outras ações da AESSP, tais como: O SARAU DA LUA CHEIA, que já vai completar 5 (cinco) anos de existência, sendo feito no período de lua cheia de cada mês, sempre em locais públicos.

Também, participando e prestigiando eventos de escolas e universidades, temos incentivado a leitura, o gosto pela literatura e a produção literária, pois a AESSP acredita no potencial da escrita amazônida; Mesmo que sejamos às vezes ignorados, nunca seremos silenciados.

Apreciem estes escritos de uma variedade e grandeza sem tamanho. São contos, crônicas, poemas. Poesia, enfim, mostrando ao mundo que nós, os AMAZÔNIDAS (nascidos aqui, ou não), fazemos cultura e vivemos cultura.

Quantos gritos, contidos

Quantas falas

Que não se calam.

Quantos ecos...

Sistema

Quanto dilema

Da vida dura.

Amazônida, ainda verde

Como é bom ver-te

Fazer cultura!

Adalberto Marcos da Silva (Bertin Di Carmelita)

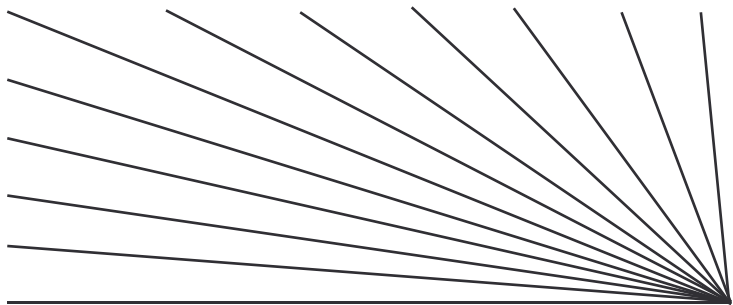
Presidente da AESSP

Índice

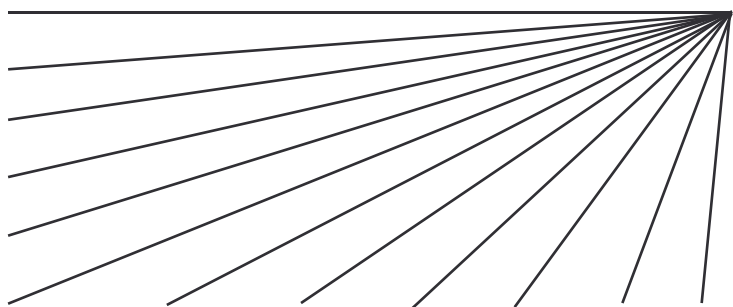
<i>A continuidade de sonhar o (in)dizível</i>	07
<i>Apresentação</i>	11

POEMA & PROSA

Abilio Pacheco.....	17
Airton Souza	22
Aldemira Aguiar	27
Ana Delicy	32
Auridea Moraes	37
Bertin Di Carmelita	42
Cláudia Chini	47
Creusa Salame	52
Dan Baron	57
Francisca Cerqueira	63
Francisco Duarte	68
Gabriela Silva	73
Glécia Sousa	77
Iráide Pereira	83
Javier Di Mar-y-abá	88
Lusa Silva	93
Maria de Jesus	98
Patrícia Luz	103
Rosa Peres	108
Sérgio Dias	113
Vânia Andrade.....	119
Walquiria Sampaio	124
Autores e Autoras	129



POEMA & PROSA



Humanamente iguais

Kalina Lemos Tortola,
teu nome me chegou de susto,
aos meus ouvidos ele me soa familiar,
aos meus olhos teu rosto também.
E mesmo à minha memória
teu nome e teu rosto me dizem
qualquer coisa a teu respeito
que eu mesmo não faço idéia.

Deve existir um sentido oculto,
qualquer coisa que una tua imagem,
tua feição, ou mesmo teu nome
a isso que trago comigo.
Essa coisa que meus ouvidos,
meus olhos e minha memória
acusam e reconhecem.

Se teimo crer que é a primeira vez
que ouço teu nome e vejo teu rosto
é porque esses têm sido dias àspersos
de coração maltratado e empedernido.
Dias de “manhas e artimanhas”.

Há quem grude as cartas de baralho
com cuspe e deponha na mesa
como se fossem uma só.
Há quem cole os próximos lances
da internet antes de mover os piões
ou fazer um roque no tabuleiro.
Há quem saiba desde antes do exame

todas as questões e respostas.
Há quem saiba demais mas não cala nem fala.
E perturba dissimulando e sugerindo.
Pior que a derrota é suportar o escárnio.
Pior que a derrota é sabê-la injusta.

Mas teu nome e teu rosto, Kaline,
deram em mim como breve holofote.
Te busco em toda minha vida
mas não encontro nenhuma pista.
Este sentimento latente de familiaridade,
de reconhecer em ti algo que também é meu.
Talvez alguma parentela de Noé para cá.

Me demoro na tua foto. Olhos e sorriso.
Soletro de mim para mim o teu nome.
Busco na memória qualquer tarde de sol,
qualquer fila de banco, qualquer esbarrão
na rua, qualquer instante distraído e apenas
consigo me dar conta de uma coisa:
de que somos tão humanamente iguais.

Consulta médica ou dores familiares (*)

A médica me pergunta se doe.
Eu digo que não. Coça um pouquinho.
Já doeu, virou cicatriz e sumiu.
Hoje é pele novamente. Não doe.

Ela trisca. Depois preme o dedo.
Eu fecho os olhos como reflexo.
Quando abro, vejo sua luva rubra.

Ela pigarreia e receita um analgésico
para minha coceirinha antiga.
Tomo o remédio. Sinto um alívio.
Me dou conta do quanto aqui doía.

Na consulta seguinte ela me diz que
A gente se acostuma com a dor
A ponto de achar que não doe.
Se tornam familiares e sequer coçam.

E acrescenta muito séria um entretanto:
Tem vez que essas coceirinhas
Simplesmente explodem numa dor
De apertar palavrões entre os dentes
Ou soltá-los como cães danados.

26.02.16

O frio da janela me diz que estou vivo e acordado. As
laranjeiras esperam o verão. Saboreio um Sumatra e um
Panther. Sopro palavrões silencioso e espio a fumaça
dissolver no ar.

(*) Escrito em Berlin

Aula de geografia (*)

Para Bertolina, Carminha e Julia Furtado

prova de página

ando por sobre a neve admirado e pensativo
e estanco ereto rente à borda da calçada,
é perto de meio dia, faz um sol claro e sem calor
minha sombra estende-se pelo calçamento

quando eu estudava o primário preferia aulas sobre
terceiro mundo, luta proletária, campesinato...
e pouco me atraíam aquelas sobre zênite ou equinócio
coisas que aprendi, mas pouco me fazem algum eco

sobre minha sombra e meu pensamento
um morador de rua passa em direção à lixeira
as garrafas que recolhe pagarão seu almoço,
há pobreza e fome mesmo no primeiro mundo

olho a sombra de minha cabeça ao longe:
zênite e equinócio aqui não são como na amazônia
mas os sons das garrafas falam que há fome
e pobreza – aqui, na amazônia ou em alhures

(*) Escrito em Berlin

Disfarce

vago pela tarde com uma pele que não é minha
antes me vestia de outro e ia para os espaços públicos
este alinhamento e aprumo sempre me pareciam falsos

hoje tampouco sou eu que caminha pelas calçadas
é impossível ser-se si mesmo neste mundo infame
o próprio eu nunca deve encarar a sociedade

enquanto funcionar, estarei usando estratégia invertida
não mais assumo um outro mas também não me mostro
abandono as máscaras e os costumes que desejam

e dispo-me também de mim

prova de página

1

as mãos do nosso pai
faziam paráfrases habituais

entre desalento e o desencanto
deportaram capins às margens da rua
em que cândida era só um nome

em nosso pai
a veleidade era seu lado humano
& suas mãos
sem caligrafar amarguras
[e letra alguma]
legou-nos a lição de fi(n)car.

2

a mãe como nenhuma raiz
imprimiu seu perfume
pelo princípio e o escombros
na miséria figura do mundo

de fio a fio teceu retórica
unificou o amor
nos vultos diluídos de deus
e ariadne que não foi nem nome

com os olhos pontiagudos
traduziu a saturância
de esvaziar corpos

descer ao abismo
era sua tarefa libertária
a nos deixar a invertebrada lição
do partir.

prova de página

3

o pai & seu olho atravessado de rota
pedia fim a intenção do morto
[morrer era sua mania
de um incendiado jardim]

sem ruídos
convencia fechaduras
a conduzir o horror
escutado todas as noites

tinha inclinação a inquirir
o espanto dos delitos

dentro da manhã
seu corpo
trazia obsessão de engolir fatalidades
a sentir que não recusaria piedade.

4

ao desafogar a cabeça de dentro de si
[essa era a sua maneira de amanhecimento]
a mãe palavreava fantasmas

é como se próximo dela
tivesse um palco, planos
& a alegoria de desfazer insensatez

a voz de inverno da mãe
do alpendre a cumeeira
rondava a casa
para morrer no quintal
só depois dos varais desestendidos.

prova de página

5

mãe, o pai não sabe
cultivar jardins
meio aos anseios
de silêncios e inundados passados

6

pai, a mãe desconhece as estações noturnas
quer sempre o imaginário mundo completo
a questionar teus santos
& moinhos impunemente escancarando sensações

7

e eu vazio caminho
batizo paisagens
no excesso de deus e inferno
atravesso as causas iludidas.

(*) Poemas do livro *“pragmatismo das flores”* – 14º Prêmio Assabeça de Literatura 2015 – Menção Honrosa, Prêmio Cruz e Sousa de Poesia 2017 – Primeiro Lugar e Prêmio Miau de Literatura 2017 – Menção Honrosa.

O rio...

Corre, passa pra sempre
Não tem retorno
São águas passadas
Não lavam mais pedras
Não furam mais barreiras
Não fazem remanso
Segue em correnteza
Em busca do mar...
Assim como um rio
A vida se vai
Passando, passando
Leva o presente
O futuro se vai
Deixa o passado
Dos males, do bom e do belo
Que o tempo levou.
A água - vida
Segue sua trilha
Vai pro mar infinito
E chega ao final
Como uma chama
Que o vento apagou...

prova de página

Quem sou eu?

Sou poeta, sou ator
Sou amor, sou poesia
Sou emoção, sou calor
Sou versos, em harmonia...

Sou o vento, que sopra
Que aquece, que esfria
Sou o Sol que ilumina
Que clareia e traz o dia

Sou a Lua apaixonada
Sou beleza, sou magia
Sou o clarão que encanta
Sou paixão que irradia

Eu sou o canto dos pássaros
Sou o Mar, em movimento
Sou as nuvens, flutuando
Sou as estrelas, brilhantes

Sou praias brancas, banhando
Sou a beleza do anoitecer
Sou Alvorecer, sou Aurora Boreal
Sou dono do universo...
Teu Deus, Teu criador.

Amor & Paixão

Pelo oceano azul dos olhos teus
Vejo a beleza da tua alma
A despertar, em mim
O sentimento puro do amor...

Na nudez erótica do teu corpo
Ao calor dos teus abraços
Mergulho no sabor da sedução
Abandono-me ao prazer
Navego no mundo da mais
Exorbitante emoção...

Morro de prazer
Morremos nos,
Nascemos outros, envoltos
Na mais calorosa paixão...

prova de página

O tempo não para...

prova de página

Nasce uma estrada
Segue um caminho
O tempo anda
Segue sozinho
Deixando marcas
Levando lembranças
Trazendo momentos
Em que o homem pensante
Audaz, sonhador
Cai no abismo
Da incompetência
Em busca do nada
Que o tudo parece
Segue veredas
As brechas do tempo
Persegue ideais
Ate chegar a hora
Em que tudo se esvai
Com o sopro do vento
Abandona o barco
As vezes, vazio ou
Cheio de peixes
A vida termina
E o tempo é o tempo...

Meu próximo, onde está?

Nos ares, no chão
Nos confins da Terra
É meu semelhante
Ali esta meu irmão!

Feliz ou sofrendo
Nas ruas ou abrigos
Dormindo em calçadas
Lençol de papelão
É um ser humano
Meu próximo, meu irmão!

Errou, mereceu
Esta na prisão
Chorando, apanhando
Sem lençol, sem colchão
Mas é ser humano
É também meu irmão!

O próximo bem próximo
O próximo bem longe
Amá-lo é mister
É mandamento primeiro
Do DEUS verdadeiro
Para quem crer
E quiser obedecer....

Menina flor

Semente silvestre
gente germina
nasce natureza
meiga menina

Menina flor
solta pólen
solta vida
solta cor

Raio de sol
bola no pé
grito no peito
reluz de fé

Menina flor
solta pólen
solta vida
solta cor

Majestade borboleta
magia benevolente
sonhos flutuantes
seu voar segue em frente

Menina flor
solta pólen
solta vida
solta cor

Passarela

Passa ela menina vai estrear
Passa ela mulher vai estrelar
Passarela e passos firmes
Anjo real, miss mar
Miss céu que a terra veio visitar
Passa ela pela vida causando birra
E acalanto
Cada passo um aplauso
Seu chegar é espanto
Seu olhar é espada
Seu sorriso é encanto
Estrela que reluz
Menina que logra
Mulher que seduz

prova de página

Anjo ultimogênito

Ultimogênito em sagitário é nobreza
Aventureiro de júpiter salve a alteza
Anjo precioso de pura beldade
Astro de rastro humano rege dignidade
Autenticidade máscula de forma ideal
Tem doçura de caçula e singeleza surreal sapiente
[aprendiz que desvenda com bravura
Anjo ultimogênito me encanta tua alvura

Laço umbilical

Gotas de vidas em meu corpo cai
Amor materno que nunca sai
Eternizaram em mim quatro estações
Gerei para pulsar quatro corações
Sublimes seres perpetuados estão
Laço umbilical de amor sem igual
Inexcedível paixão familiar
Me encanta as manhãs e ao deitar
Saber que existem fanecos meus para adorar
Que deleite em plantar sementes da árvore genealógica
[e com água da fonte regar
Minha ilustre passagem de glória
O sábio ser deixa suas pegadas sobre o caminho terráqueo
[durante o ciclo da vida para
que outras gerações conheçam sua história.

prova de página

Códigos de amizade

Hipotonia adversária
Linha palmar solitária
Ritmo na respiração
Delicado coração

Menor cavidade oral
Meu céu pequeno é na boca
Mais plana é minha ponte nasal
Meu plano é na planta do pé
Meu olhar é oriental

Orelhas menores brincos terão
Dedo pequeno também usa anel
Pescoço curto ganha cordão
Boca pequena com beijo de mel

Sou humano original
Meu grito de guerra é autoridade
Meu Q90 e CID-10 é natural
Tenho códigos da amizade
Tenho síndrome de Down

Pensamento

Procuro o pensamento
Que anda por toda parte
Andanças imprecisas em
Dias intermináveis e
Noites de vigílias
É um mergulho profundo
Num mar de profundidade
Há momentos que dão som
Em outros somente o tom
Dá voltas e sempre volta
Ao mesmo lugar
O pensamento
É mel
É fel
É a alma em desabafo
É pedra soterrada
É mistério do humano

prova de página

Nada se pode fazer

prova de página

Nada se pode fazer
O relógio um eco
Causas precisas
Seres curvados e
Condenados
Dores imprevistas
Enormes
Que ferem
Que perdem de vista
Pobres da terra
Humilhados
De medo tremem
Beijos serenos
Para sofrer menos
O ódio vibra
Todos gemem
Todos perdem
Nunca ganham

Silêncio

Entre o EU e o MEU
Está o silêncio
Me entrego no oculto
Onde guardo o óbvio
Lugar onde estão
Os meus traços

No silêncio, sinto
As palavras densas
E claras
Em frases e frações

Assim como a chuva
Diante do sossego
Sem nada dizer
Faz-se tudo entender

prova de página

Caminhos

A bússola nem sempre
Tem direção ao norte
Os caminhos ora desertos
Ora oásis
Não acompanham ninguém
São subentendidos
Antes lua
Hoje alma nua

prova de página

Caminhos são
Estradas
Moradas
Canteiros e
Ciladas
Não tem direções
Nem definições

Não sabem onde ir
Mas querem ir por aí

Identidade

É um céu com grades
Uma imagem sem margem
Sem adeus
Engrenagens passadas
Porém... nítidas
Absorta presença
Amor súbito,
Perdido
Tombado
Representa o eco
Do pensamento
Luz da verdade
Morte de infinitos
Sonhos e destinos
Restos e estilhaços
Hostil silêncio

prova de página

Ausência do Sol

Hoje se o sol sair
Eu juro que vou lhe buscar
Pra gente passear.

Rumar pra qualquer rumo
Qualquer rota
Sem retas ou aprumos
Ou quem sabe, ver o mar.

Mas, se o sol não sair
Eu vou pra perto de ti
Pra ficarmos agarradinho
Debaixo do lençol.
Quem sabe, tomar um vinho
E agradecer a ausência do sol.

Procissão (mais uma pra Bastião)

Fita vermelha na cintura
Vou seguindo em procissão

Com a minha fé no peito
Fazendo minha oração
Agradecendo pelas graças
Abraçando a cada irmão
Obrigado por mais um ano
Dando vivas, a São Sebastião.

Muitas vozes, um só côro
Muita gente, um só povo.
Minha promessa, vou pagando
Vou caminhando
Vou descalço, pés no chão
Vou seguindo, vou pedindo
Olhai por nós, São Sebastião
Intercedei, mandai a chuva
Pro meu sertão.

Vou seguindo
Vou cumprindo
Minha devoção
Vou dando vivas, VIVA
VIVA SÃO SEBASTIÃO!!

prova de página

Que nem tatu

Cansado de tanta monotonia
Resolvi rodar pelo mundo
Passei por abismos profundos
Mas, cheios de energia.
Vi muitos sabidos, sem sabedoria
Falei com humildes cheios de sutilezas
Parlamentei com reis sem realeza
Caminhei por campos sem ser floridos.
Encontrei-me com esquecidos,
Que por muitos são lembrados.

prova de página

Abriguei-me com os refugiados
Itinerante sem destino
Vi meia-noite, céu a pino
Lua de prata ficar vermelha.
Aqueci-me na centelha
De um fogo quase apagado
Me banhei em um lago meio alagado
E, roubei o casaco de um cossaco
Voltei ao Pará e parei no sul.
Por que: GENTE É QUE NEM TATU
SEMPRE VOLTA PRO BURACO!

Reino do silêncio

Meu coração combatente
Cambaleante
Quase carcomido
Pela espada feroz
Da luzidia (in)fidelidade.

Hienas, em sonoras gargalhadas
Na calada da noite
Aguardam tão somente
A constatação da carniça.

Condenados...há(a) muito tempo
Resistindo, insistindo em (sobre)viver
Desafiando o próprio tempo
Desafinando o que ainda lhe resta.

Lobos, distribuindo afagos
Para preservar os próprios pêlos
Nobre pele...
Pelos trotes dos cavalos
Que tracionam vistosas carruagens
Se ouvem que o silêncio
É um reino a ser conquistado.

E meu coração sangrando
Agarra-se somente
Nos pássaros que singram
No azul celeste do tempo!

Um colibri solitário

Um vinho depois da meia-noite
Os versos batem de açoite
Na porta escancarada do tempo.

O silenciar do vento
Trazendo o de minh'alma
Nada calma
Pelo aurorear de um novo dia.

Um “colibri solitário “
A dardejar o cerne das flores .
Os odores do meu mundo
Exalam em harmonia
Com a minha inquietude .

A fera que em meu peito ruge
É tão somente a montaria
Das palavras que moram em mim.

Às vezes...
Sempre em poesia!

Feminicídio

Cárcere

Horrores

Estupro

Gritos

Alienação!

Sangue vertido no chão!

Sangue vertido no chão!

Porque nasceu mulher...

Porque ousou ser mulher...

Brutalidade

Ameaças

Sadismo

Tortura

ResistênciA!

Sangue vertido no chão!

Nosso sangue vertido no chão!

Porque nascemos mulheres...

Porque ousamos ser mulheres...

prova de página

INtolerância

Desrespeito e achincalhe
permeiam alterações verbais e virtuais,
hostilizando e fustigando severamente
o pensar contraposto.

Revelam a incoerência díspare
do propalado discurso democrático,
o respeito ao ser humano em suas diversidades,
e o repudiar a toda forma de opressão;

haja vista, o palavrório arraigado de ódio e violência,
acirrando rancores,
que substanciam uma abjeta conflagração.

A vanglória e o escárnio alimentam a contenda
inviabilizando o diálogo,
em detrimento da tão sonhada tolerância.

Perda

Minh'alma dantes radiante
plena de infindas quimeras
ante a orfandade imposta
vive agora agonizante.

O riso contagiante deu lugar somente às lágrimas,
não há mais deleite em meus dias,
apenas a dor atroz e nostálgica
que insiste em meu peito fincar morada.

Os raios de sol e o brilho da lua
esmaeceram sob a névoa da saudade
do regaço maternal de outrora.

A convicção de finitude, passou a ser o meu alento
trazendo um lampejo de esperança para o doce reencontro
de uma história que não acabou,
[amor materno e filial não tem fim!

prova de página

Tosca ilusão

C'est fini!
Eis a pedida...
Ousou concluir sorrindo, e seguiu resoluta por aí.
Ledo engano!
Após ludibriar até o implacável espelho.
Um dia a ficha caiu, e teve que admitir.
Por mais que o tempo passasse, e em meio a tantos amores.
Ainda sentia calafrios: que não eram de medo, nem de frio.
Até os momentâneos lampejos,
arguidos em justificativa, infrutíferos se tornavam.
Pois o anseio delirante,
daquele entrelaçar dos corpos de dantes.
Faziam-na suspirar, arder e estremecer,
ante o desejo desobediente e latente.
Pura parvoíce negar e insistir,
sua sina era carregá-lo dentro de si!

Cio

Frágil o fingir
resistir à entrega.
Deleite do amar sem pressa,
aonde o tempo não se preocupa com horas...
Apenas o saciar
do desejo incontido,
agonizante.
Corpo febril,
costas que arqueiam,
estremecem e anseiam pelo toque.
Pressão de lábios famintos,
sequiosos.
Arrancando
gemidos despudorados.
Do êxtase profundo.
Ao ter teu corpo em mim!

prova de página

Relato de vida

Quando adolescente, pensava sempre em me ligar às causas humanísticas. Desde criança fui honesta o suficiente no que se referia aos outros e a mim mesma. No decorrer da vida vez e outra ficava insegura, mas sempre dando o melhor de mim tentando oferecer o que de mais justo fosse para o meu semelhante.

A vida me ofereceu alguns privilégios. Uma família grandiosa, a felicidade de conviver com avós maternos e paternos, além de pais exemplares que me proporcionaram todos os dengos e paparicos.

Casei-me aos 19 anos e fui bem realizada, melhor ainda com o nascimento dos meus filhos que foram quatro e mais uma de coração. Cheguei a minha melhor idade. Que melhor idade é esta?

Fui acometida de mal de Parkson, o mundo girou sobre minha cabeça. Pessoas sábias me aconselharam a erguer a cabeça, não desanimar. Procurei ajuda profissional, encontrei grupo de apoio na área da literatura e das artes plásticas. Seguro nas mãos de Deus. Costumo falar para o meu grupo em tom brincalhão, mas com fundo de verdade, — vocês são meus amigos, psicoterapêuticos responsáveis por mim neste meu tratamento, acreditem!

Eles me apoiaram e me deram muita força.

Divida a felicidade

Fazer os outros mais felizes acredito que seja tarefa para cada um de nós. Penso que antes de tudo precisamos conhecer a nós mesmos, corrigindo nossas falhas dentro dos nossos limites. Devemos evitar julgamentos dos nossos irmãos, oferecer carinho amor e atenção. A felicidade é uma conquista lenta para se vivê-la e oferecê-la a alguém. Atrair para seus interiores bons pensamentos e suscitar que os outros também o façam.

Pratique sempre boas ações, demonstre-as aos demais, a vida lhe sorrirá e assim poderemos dividir o sorriso para o mundo.

prova de página

Minha homenagem, embora tardia

Para todas as mulheres que no passado foram lavadeiras enfrentando o sol escaldante à beira do Tocantins e Itacaiunas, um trabalho digno ontem e hoje.

Com esse discurso ofereço às mulheres que foram e que ainda vivem desse trabalho, com uma menção honrosa a Dona Zenit eterna representante do Cabelo Seco, mulher exemplar, orgulho de sua família e de todos que lhe conheceram em vida.

Estas mulheres decoravam os espaços ribeirinhos com os mais belos varais.

Sobre a relva baixinha, estendiam os coloridos e admiravelmente brancos lençóis, e formavam belos varais do marabazinho, varais do Francisco Coelho, varais das mãos lavadoras, varais de Dona Zenit. Eterna representante das mulheres batalhadoras. Varais das muitas Zenits. Dentre tantas a Antonia Violão.

Eram disputadas a lavarem as roupas dos nobres deste lugar.

Bené, um grande amigo

Bené apareceu em minha vida depois do surgimento de um problema de saúde meu. O meu médico mediu minha capacidade intelectual, felizmente satisfatória, e sugeriu que escrevesse ficção segundo ele, para explorar mais o meu cérebro, meu intelecto.

Hoje encontrei Bené do Espírito Santo. Eu me sinto sua amiga ou Maria Madalena dos Anzóis Pereira sua parenta próxima. Bené espero que esse nosso encontro seja proveitoso não só para nós dois, para que juntos possamos contribuir com algo mais. Com parceria podemos alcançar degraus mais altos.

prova de página

Sobre Bené

Todos nós temos algum causo para contar sobre nossa história de vida. O Bené parece não tê-lo. O Bené é meu personagem imaginário que dele me aproprio e ele me inspira a escrever ficção ou simplesmente jogar conversa fora. Seu nome completo, assim o batizei, é Bené do Espírito Santo. Não lhe dei sobrenome porque lhe acho tão tanto que não colocaria qualquer um. Ele é simplesmente Bené. Bené é um cara inteligente, mas tem temperamento complicado, tem, no entanto grande qualidade familiar trata bem a todos, sua esposa é seu anjo protetor.

prova de página

O Bené que eu descrevo veio até mim em sonho, devo dizer que quando o vi no sonho ele era metido a besta e orgulhoso, pra mim mostra-se extremamente dócil, talvez um pouco tímido ou metido a besta. Bené carrega consigo um pouco de exagero comportamental.

Se alguém lhe fizer algo que lhe beneficie o que para muitos é um dever de qualquer ser humano consciente, o Bené se derrama em agradecimentos; menos Bené! Que grande homem é o Bené do Espírito Santo! Que continue com sua bondade seu Bené. Quem não gostaria de ter um filho assim?

Projeto

todo sábado
vou para a casa dos rios
entro numa roda
escutas contos
brinco com cores
e sem chicote
canto dançando
me abrindo
com cuidado
para me ler
e reconhecer
minhas histórias

e ao pôr do sol
bem aí
pego um lápis
que não me julgue
nem me corte
ou derrube
minha calma
e invento
sem medo
o primeiro gibi
com folhas da vida
afro-amazônicas

Alfabetização I

vó adoro mergulhar
nas tuas histórias
consigo imaginar
a infância de marabá
mas vó
escuto tanto
que tudo vai mudar
e me pergunto
quando meu rio
vira estrada
como vou brincar?

prova de página

Alfabetização II

crio uma pipa
e vejo teu cuidado mãe
em minhas mãos
cortando e costurando
minhas roupas
amarro as tiras da rabada
e vejo tua sabedoria, pai
na dança de teus dedos
tecendo redes
na sombra da pracinha

empino meus sonhos
sua corda vibrando
com tanta história e desejo
e mesmo calado

reprovado e condenado
leio o futuro nos ventos
e escrevo
a ética dos rios
no vermelho céu sedento
para desmentir
os valores dos gigantes
e segurar
minha vida em minha casa

Garupa

na primeira pedalada, pela paz
levei meu irmão assassinada
e voando na beira do tocantins
encontramos a beleza amazônica!

na segunda, pela vida
levei minha prima no colo
e apitando juntos sem medo
encontramos o rumo à liberdade

nessa terceira, pelas águas
vou te levar, mãe, até o amapá
e criando nossa universidade dos rios
vamos renascer nosso rio tocantins!

Carta de Mariana

prova de página

Querida Marabá, parente amazônida
Saudações de Mariana
tua irmã mineira
ainda tremendo embaixo de lama.
Escrevo contra o tempo
num labirinto de vergonha sem luz
para te inquietar e encorajar...
Irmã, mesmo sentindo que era mentira
deixei promessas verdes
me seduzirem para me tornar gente
e matar numa vez meu medo da fome.
Ganhei uma casa e fiquei tão consumida
pelos sonhos na palma de minha mão
que parcelei o futuro, sem perceber...

Amiga, lê os resíduos de meu engano
debochando no meu grito seco.
Aprende comigo, minha parente
o custo tóxico
de falar sim quando pensa não.
Nem se esconda atrás da lei do silêncio
que hoje abriga tantos gigantes...

Marabá, quando seus navios passarem
gordos de tanto ferro, boi e madeira
tua chance já terá passado!
Terás somente o tempo
para bater uma última selfie
diante um rabeta correndo
à nascente do Tocantins em chamas!

Irmã, preserve os Pedraís do Lourenção

seres sábios que vão te proteger
dos navios da morte
e guiar as chuvas da madrugada.
Se juntos declararmos “aqui não, Vale!”
vamos nos livrar desta lama suja
e cuidar de nosso bem viver amazônico!

Segurança

mesmo que não tem mais peixe
vou segurar a canoa de meu vô
saus bancos de taúba guardam
a curva de meu aprendizado
no seu colo de como ler os rios
e o cheiro do tucunaré
sacando no varal do quintal
da mãe gargalhando ao descobrir
meu primeiro amor de verão

aquele mundo sustenta as raízes
de minha esperança
que o assassinato das nascentes
em nome de progresso verde
vai abrir teus olhos castanhos
te encorajar pegar a rabeta
e atravessar o tocantins de novo
comigo, no pô do sol
para defender nossa amazônia

Amazônia saudável

Toda madrugada, redes saíam de tua agulha
uma precisa caneta branca
tecendo sabedoria viva em uma teia de cuidado.
Mesmo bem feitas, pescada sempre escapava
transformando nossos barcos em festas fluviais.

E de repente, o sol esquecia de nascer, juro!
Na escuridão, respiramos tantas cinzas
Marabá adoeceu, ficou cega, perdeu sua voz
e nossas canoas voltaram famintas.
Baixou a poeira, mas nunca mais ficou igual.

Hoje no shopping, vejo a canoa extinta de meu pai
embelezando a propaganda 'Marabá, o futuro'.
Nosso Rio Tocantins, parcelado em mandatos
virou agrado por um sonho inoxidável.
Sinto-me traído, abalado pela gritaria popular!

Procuo qualquer memória que possa iluminar
este apagão que ameaça o futuro do mundo.
Já perdi anos deslizando post após post
para me aliviar da fome que me vicia
ao consumo de minha própria imaginação!

Ando tenso, impaciente, envergonhado, confuso.
Me retrata, moço, bem aqui, na frente de meu rio
uma senhora pede, folhinhas de cidreira na mão.
Minha neta quer me ligar como o povo Maori
que cicatriza seus rios, noutro lado do mundo!

A ternura da mestra me liberta de meu solidão
e de repente tambores reencontrados com amor
por jovens já criando uma rede de bem viver
começam uma batucada tão sincronizada
meu pulso acelera e minha humanidade flui!

Contos de ausências

I

Ainda é vívido na lembrança o dia em que foi chorar no banheiro quando a turma combinava a festa. Dividiam-se valores a serem pagos pelos álbuns de fotografia, para o cerimonialista, discutiam que bebidas e comidas a empresa contratada para realizar a festa serviria; a cor dos vestidos e das gravatas. Ela não tinha dinheiro para tudo aquilo. Mal conseguia cuidar dos dois filhos pequenos e mais a sobrinha que havia nascido no início do curso, cuja mãe surda, e com problemas psiquiátricos não conseguia assumir sozinha. Avisou que não participaria da festa, sentindo-se a última das criaturas.

Não participaria nem da cerimônia de colação. Entendia que para finalizar sua trajetória naquela instituição de ensino bastava assinar uns documentos, na Secretaria, como um colega lhe tinha dito. No entanto, fica sabendo, de última hora por uma professora, que obrigatoriamente teria que participar da cerimônia de colação de grau junto com sua turma, sob pena de ter que esperar um ano ou dois para formar-se junto com outra turma.

Deu um jeito junto com a mãe. Atrasou uns compromissos, apertou por todos os lados o orçamento, e com muito esforço foi alugar a beca. Essa era uma peça importante. Já que ia participar não poderia ir diferente dos demais, disse a mãe. A má notícia, não havia como. As becas tinham sido confeccionadas sob medida para aquela turma. Não havia mais tempo. Um telefonema em seguida foi a sorte, um colega tinha desistido de usar a tal peça.

A pequena família se mobilizou para ir à cerimônia que para todos tinha o valor da própria festa. Afinal, era a

primeira dos membros da família, a chegar tão longe no grau de escolaridade. Tornou-se um momento de muita relevância e comoção para todos. A mãe tinha uma roupinha melhor para uma ocasião importante como essa, mas o sapato conseguiu emprestado com a vizinha.

Por muito tempo, apertava-lhe o peito a lembrança dos rostos na cerimônia, da falta de cumprimentos, de sair forçando os cumprimentos de alguns colegas e tentando falar com naturalidade com outros e com os professores, para que sua família não percebesse um desconforto que ali havia. Com duas ou três exceções, os rostos pareciam dizer que ela estava invadindo aquela cerimônia. E pareciam perguntar se ia invadir a festa também.

Que bobagem! Pensa hoje muito mais segura de si, sabendo que o mais importante foi o conhecimento adquirido, todas as possibilidades que o curso lhe permitiu, e acima de tudo lembrar que sua mãe no hospital, no postremo momento de sua pobre e sofrida existência, disse a uma das enfermeiras, cheia de orgulho — Minha filha é professora, formada na universidade!

II

Britney Spears teve uma história de vida muito triste no início e no final. O que salva a história de sua existência nesse mundo é o meio. Entre o começo e o fim, foi bem cuidada, teve muito carinho, foi bem alimentada. Tão bem que estava ficando obesa. O veterinário passou dieta e exercícios. Precisava fazer caminhadas.

Britney a cadela pitbull, tão branquinha que parecia um algodão, era o xodó de meu filho Caio. Propriedade dele. Era carinhosa como ele e os dois viviam aos beijos e abraços. Mas ele foi obrigado a nos deixar e a deixá-la. Era atenta, percebia qualquer movimento no quintal. Qualquer calango no muro era percebido e perseguido. Muitos gatos tiveram a má sorte de pular para dentro do muro e nunca mais conseguir sair. Mas era uma mansidão de cadela. Menos com estranhos, é claro. Ah, e não gostava de crianças, só as de casa com as quais foi criada. Acho que temia concorrência.

Assim, como no final, no início de sua vida não teve muita sorte, pois nasceu por último. E ser a última da ninhada não foi uma coisa boa para ela. Nasceu fraquinha, adoentada, requerendo maiores cuidados, e por isso foi rejeitada. A mãe, em uma noite, acho que por seus gemidos e reclamações, a jogou para fora da casinha. Ela teve a má sorte de ser uma noite em que chovia torrencialmente. Quase morre. Teve os ouvidos cheios de água. Foi salva por meu irmão, dono de sua mãe, que a acolheu em casa, embrulhando com panos secos e quentinhos, e depois cuidando de sua saúde. Uma vez ficou mais de semana, no hospital veterinário. Era um pingo de criatura, minúscula e frágil. Quando bem recuperada, foi doada ao meu filho. Foi morar em nossa casa. E virou uma canina enorme e linda.

Ficou surda nossa Britney, por causa de seu forçado e malfadado banho de chuva. Eu sendo professora de surdos e dando formação para professores na área, me divertia quando as pessoas achavam engraçado. Eu brincava que além de ter

uma irmã surda, trabalhar com surdos, até minha cadela era surda. E contava as histórias de Britney. Ela sabia que eu não gostava que ficasse dentro de casa. Mas ela gostava. Se Rebeca sentasse no chão lá vinha a Britney se deitar no colo. Adorava os afagos dessa que passou a ser sua doadora de carinho. Era maior que ela, mas deitava no colo, e por vezes as duas rolavam no chão em inocentes brincadeiras de criança.

Adorava ficar no chão frio da cozinha. Quando eu chegava já ia levantando, ficando murcha, saindo de mansinho. Era silenciosa e de movimentos cuidadosos nessas ocasiões. Mas se eu não a percebesse, ou não mostrasse meu desagrado, ficava. Se eu queria que saísse, bastava apontar para fora. Saia triste, com o rabo entre as pernas. Sabia língua de sinais a Britney. Lia muito bem meus sinais manuais e minhas expressões.

Britney Spears teve um fim triste como disse acima. Quando me mudei para um apartamento tive que doá-la. Foi levada para uma fazenda onde soube depois que tinha sido devorada por uma onça. Mas penso sempre cá comigo que se deixou devorar. Morreu de tristeza por não ver mais sua família. Primeiro seu dono, depois os demais com quem cresceu e viveu toda a sua vida. Mas ela tem mais sorte do que eu. Não sofre mais de ausências. Eu, ainda estou aqui.

III

Desde 2009 quando viajo tenho a mesma sensação que me faz ficar mais triste e sentir uma saudade maior que a de todos os dias e chorar mais do que o choro de sempre. Então em toda viagem, desde 2009, na ida e na volta, em algum momento, estou pedindo: Senhor dê-me forças pra continuar!

Desde 2009 é sempre a mesma coisa, tenho a sensação de que vou chegar em casa e meu filho de 15 anos vai abrir o portão, me abraçar e me beijar, sair na minha frente levando a minha mala. E eu vou olhar para ele e achar que os quase um metro e setenta aumentaram pelo menos dez centímetros nos quinze dias que fiquei fora. E depois de algumas horas vou acordar com a notícia de que ele foi assassinado a tiros.

Olhos aflitos

O teu coração ateu
Qual passarinho engaiolado
Canta o que já sofreu
Numa canção comovida
Um fado de despedida
Num canto que se perdeu.

Teu olhos tão aflitos
Choram o leite derramado
Maldizem os teus pecados
Quando olham os olhos meus
A íris se comoveu
Com esse choro descuidado.

Mas o teu soluço ateu
Desnuda o meu juízo
A dois passos do paraíso
E longe dos olhos meus
Num cansaço ofegante
Vago o meu caminho errante
Num abismo que é só meu.

Não tem choro
Não tem riso
Só tem mágoa
E um coração aflito
Num porto que não deságua.

Vontades

Sou teus devassos segredos
A síndrome dos teus medos
Sou tua isca e teu anzol
Sou teu semblante aflito
Sou o eco do teu grito
Sou teu gemido feroz.

Sou tua dignidade
Teus desejos, vaidade
Sou o ouro que em ti reluz
Sou a tua porta aberta
O teu sinal de alerta
A força que te conduz.

Sou parte de tuas carências
Um aparte em tuas carícias
Sou teu medo de amar
Sou tua infelicidade
Sou teu choro de saudade
Sou brilho no teu olhar.

Sou diamante que reluz em teus dedos
Sou o medo dos teus medos
Sou teu amante e algoz
Sou a tua incoerência
A força da persistência
Sou o que restou de nós.

Romântico

Hoje eu só quero cantar
O meu canto mais romântico
Quero a palavra exposta no ar
Quero a cantiga de todos os cânticos
Quero forjar no fogo mais ácido
Num Plácido Domingo de encanto
Quero um acorde que possa acordar
Todas as vozes do meu eu mais semântico.

prova de página

Minha canção é de todas as línguas
E ecoa um choro que não tem mais lógica
A minha lágrima irá te calar
Quando minha voz ecoar
Num canto repleto de todas as mágoas
Quero meu grito ecoando no ar
Nas ondas do oceano Atlântico
Quero apenas poder expressar
O meu eu mais romântico.

A terra que lhe restava

Um velho gibão de couro
Desgastado pelo tempo
Uma cangalha sem rabicho
No lombo de um jumento
Uma cacimba secando
Um rancho, um pilão vazio
Uma roça por plantar
E uma renca de filhos.
Um pote com água barrenta
Um fogão de lenha aceso
Uma panela vazia
Lamparina e um candeeiro
Uma cama de vara trançada
Embaixo de uma rede imunda
Um cachorro pirento
E uma velha corcunda.
Um acerto de contas por vir
Um cartucho no embornal
Uma alpercata rasgada
E uma peixeira afiada
Enrolada num jornal.
Mas, um tiro de misericórdia
Calou todo o sofrimento
Uma facada no bucho
Desnudou os pensamentos
O corpo ali inerte
A menina chorando
A velha só resmungava
Jogando praga nos santos.

O velho agora enterrado
Numa cova bem rasa
Reclamava do descaso
Da terra que lhe restava
O gibão que ainda vestia
Agora coberto de terra
Na guerra do dia a dia
Um bom cabrito não berra.
Na alcova só silêncio!

Em noite de ladainha¹

Dão notícia de que aqui na Amazônia se reúnem todas as encantarias, Botos que seduzem as moças indefesas nos bailes à beira dos rios, Porca de Bob's que corre atrás dos homens bêbados nas madrugadas, Curupira que assombra caçadores e destruidores da natureza, Mãe d'Água que protege os rios e seduz os pescadores em época de piracema, Cobra grande que vira as embarcações durante as pescarias e travessias em busca do corajoso que irá desencantá-la, Nego d'água que vive a espreita da grávida que navega pelas águas, a assustadora Matinta Perera, Pai da Mata e muitas coisas visagentas que perambulam pelas matas, vilas, cidades, rios e igarapés da região, nas rodas de conversas sobre visagens, no caminho da roça, na rua dos cemitérios, nos encontros dos fieis a proferirem o "Crê em Deus pai".

E foi em um desses encontros dos devotos de São Benedito que aconteceu a história que agora vou contar, a história da temível Matinta Perera, a velha feiticeira que se transforma em pássaro agourento, o rasga mortalha, para assombrar os caboclos que andam a noite pelas matas úmidas e escuras da Amazônia.

Era dia de ladainha para São Benedito, o santinho dos pretos, dos pobres e desamparados, todos do vilarejo de Pirucaba estavam reunidos desde a manhã, na casa de Dona Tereza de Tota, devota de São Benedito, para mais uma reza ao santinho protetor, Maria e sua avó Josefa foram à reza junto com os vizinhos, como fazia todos os anos.

¹ Texto idealizado durante a *Oficina do Livro Viajante*, no III *Nem te conto*, no dia 21 de setembro em Belém – Pará.

Aquele era um dos dias em que a reunião ia até a noite e ninguém voltava para casa, pois a mata era assombrada pela Matinta Perera, aparição que todos temiam. A velha feiticeira do vilarejo, fumadora de tabaco que à noite se transformava em um pássaro agourento que passava, gritando “quem queeeeeer!”, e àquele que respondesse “Eu querooo! era imediatamente amaldiçoado! Às vezes ela aparecia em forma de uma coruja branca que voava assobiando em cima das casas trazendo a certeza de que ali, alguém morreria.

Por isso, naquela noite ninguém se atreveria a enfrentar a escuridão da floresta. Mas, Maria não acreditava muito nessas histórias de Matinta, queria mesmo era ir para casa brincar com sua boneca de pano e seus brinquedos de miriti, ela adorava brincar, mas tinha sempre que acompanhar sua avó nas rezas pelas redondezas e não podia levar seus brinquedos. Nesse dia a menina chorou a tarde inteira querendo voltar para suas brincadeiras, porém sua avó era muito devota e só voltaria no outro dia.

Inconformada e entristecida com a situação, no meio da ladainha, Maria começou a passar mal, estava ardendo em febre com muita dor na garganta, resultado de sua choradeira do dia. Dona Sefa, sabia que a dor e a febre só passariam com o lambedor de andiroba, copaíba, mel e alho que tinha em casa, era tiro e queda, na hora que a menina tomasse ficaria boa. Porém, como voltar para casa se a mata aquela altura da noite estava dominada pela Matinta Perera? Uns diziam: “vá mulher, tenha fé em São Benedito”, outros retrucavam: “mulher não te arrisca, não pode tenta o santin” e assim a avó ficava cada vez mais confusa e ao mesmo tempo preocupada com a neta que gemia de febre e dor.

— Aiaiaiaiai vovó! Vamos embora, eu tô muito mal, quero ir pra casa.

Mas a avó temerosa dizia:

— Menina como vamos embora? Se na mata podemos encontrar a Matinta Perera?

Muitos diziam a mesma coisa, sabiam dos riscos da mata àquela hora da noite. Mas Maria não acreditava em Matinta:

— Que Matinta vó, isso é só história, não tem nada na mata, eu quero ir embora, vamos, aiaiaia.

Depois de muita insistência da menina e porque a febre não cedia, Dona Sefa decidiu ir embora, se juntaram a ela mais três vizinhas e juntas caminharam rumo a mata de volta para a vila, a floresta estava escura, cheia de morcegos e bichos da noite que aparecem para assustar quem por ali passa. O vento soprava alto no meio da mata, gelando a espinha de qualquer ser vivente que caminhava por entre aquelas árvores, os olhos das corujas brilhavam na escuridão da noite e os sapos pulavam de um lado para o outro como se avisassem que algo estranho estava para acontecer.

No meio do caminho começaram a ouvir os gritos da maldita, o grito fino de Matinta que voava a cima de suas cabeças em forma de uma coruja branca, a rasga mortalha, o barulho era assustador e todas, inclusive Maria agora tomada pelo medo, começaram a correr desesperadas, tentando fugir da ave agourenta que assobiava alto, espantados até os animais se esconderam da visagem.

A avó agarrada à mão da menina começou logo a pedir proteção a Nossa Senhora e a São Bendito:

— Ah, minha Nossa Senhora, ah meu santin Benedito, nos livrais de todo mal, nos livrai da Matinta agourenta, me salve, me salve da Matinta!

Quanto mais rezavam, mais alto a ave gritava, todas corriam sem nada enxergar, como nunca haviam feito em suas vidas, nem se importaram com a onça pintada que por elas passara. O medo da Matinta Perera era maior que qualquer outro medo que elas já tinham sentido.

Correram tanto que quando se deram conta Dona Sefa e Maria já estavam dentro de casa embrulhadas na rede que estava estendida no quarto. As duas tremiam muito, estavam geladas, parecia até que a alma tinha ficado para traz. Alguns

minutos se passaram e não ouviram mais o barulho da ave assustadora, então, Dona Josefa se acalmou e ainda em reza foi pegar o lambedor para dar a menina que ardia em febre, deu o remédio, cuidou da neta que já adormecia na rede e o sol já vinha raiando pelas frestas da casinha de taipa acalmando ainda mais o coração da boa senhora.

Dona Sefa já estava quase adormecendo quando ouviu alguém bater à porta, ela pensou:

— Será a Matinta Perera?

Quem, ou o que estava do outro lado, insistia nas batidas e Dona Sefa teve coragem de abrir a porta da cabana, quando olhou era sua comadre toda descabelada e descalça:

— Me dá tabaco? Disse a mulher.

Dizem que até hoje, cinquenta anos depois do acontecido, a Matinta Perera ainda anda pelas matas assombrando por lá quem passa e gritando “Quem queeeeer! Quem queeeeer!”. Você acredita?

Divisão social

Há um grupo,
Rico, mesquinho,
Predominante,
Que manda, desmanda,
Que suga a classe trabalhadora
Que desvia, que corrompe,
Que mata.

Há um grupo,
Pequeno, dominante,
Capitalista; que corrói
A classe desfavorecia,
Que diariamente massacra
O povo.
Um grupo opressor.

Mediador de corrupção
Interlocutor de falsa moralidade
Emissor da desonestidade
Caminhando vagamente por entre a população
Causando, ousando, ostentando
As custa do dinheiro do povo
Do suor dos nossos impostos.

*

*Numa manhã nublada de inverno,
colhendo encantamentos nas artes,
nos versos e histórias de Creusa Salame.*

Mesmo num dia nublado, numa manhã meio chuvosa, o ofício de conhecer enigmas nos traços mais sublimes da Arte não deve ser empecilho para os decifrarmos. Estar com a artista plástica, poetisa, contista e artesã Creusa Salame é um decifrar poético que embriaga o nosso ser de puro encantamento.

Na manhã do dia 20 de Fevereiro de 2017, eu — Glecia Sousa e a poetisa Auridéa Moraes fomos à casa da artista Creusa Salame para viver esse encantamento na sua presença e em suas artes. E o que pude concluir da manhã de hoje? O que já ouvi e há dias me digo diariamente: “se queres viver bem e ser uma pessoa boa, rodei-se de pessoas melhores que você”. Foi o que fizemos. E vivenciamos um dos momentos mais ricos que poderíamos ter para esse dia.

E quem é Creusa Salame? Você deve estar se perguntando. Pois bem. Ela é uma artista plástica que tem as mãos voltadas para a arte da produção única e uma escritora com a mente brilhante para enveredar na escrita criando e recriando histórias de vida de uma forma real e cativante que comove e encanta a quem tem o prazer de ler o que ela escreve, e conviver diariamente com ela. É uma mulher de garra, que diariamente vem mostrando-se mais forte que o mal de Parkinson, algo que não vou me estender aqui, porque ouvi dela própria que não gosta de falar sobre essa doença, mas sim, de falar sobre suas artes e poesia.

Adentrar em sua casa é descobrir histórias em cada arte ali penduradas e arquitetadamente esculpidas e desenhadas em seu ateliê. Ouvi-la falar sobre cada uma de suas obras e exposições,

desperta um desejo de enveredar na escrita sobre cada peça. É algo magnífico, pois a dimensão de sua imaginação e produção foi arquitetada e transformada em algo real, tocável, que parte do seu subconsciente e vira arte para moldar cada parte de sua casa.

Até o peso de porta se torna uma arte esculpida detalhadamente para nos provocar e nos levar há um lugar na imaginação. Um empilhamento de cacos de cerâmicas vai dando mundo a nossa imaginação e as pedras coloridas e esculpidas pela natureza me levaram a recordações de minha infância. Algo esplêndido e único para os meus olhos.

Quantos segredos mágicos há ali entre aquelas paredes? Segredos revelados a cada passo e conversa sobre cada uma das suas produções. Eu diria que cada caminho de mesa delicadamente costurado, cada manta metricamente pensada, cada traço, cada figura geométrica formada por cada retalho esculpando os seus bordados, dão vida a mundo imaginário e real que só poderia vir de uma mente tão produtiva e de uma pessoa tão simples e amável como a poetisa Creusa Salame.

Os botões coloridos que dão cor e vida a cada quadro, por ela produzidos, nos instiga a imaginar o mundo de formas, designers e significados que se escondem por trás de cada tela. É um desvendar de segredos pensados e moldados em cada arte produzida. E se alguém a copiar, ela ainda se sentirá feliz, pois como ela mesma disse, suas obras são peças únicas, frutos de sua imaginação artística, ela não as faz para vender, e ver que alguém fez algo semelhante ao trabalho dela lhe deixará feliz em saber que as pessoas gostaram do que ela produziu e as reproduziu.

A artista é apaixonada por seus pássaros. Ao olhar, percebemos que cada um tem sua própria identidade, não há semelhança entre eles, exceto o formato de um pássaro. Cada um com sua singularidade, tamanho, forma, dão vida a uma espécie já existente na natureza, ou recebem vida. Fazendo da arte morta uma arte tão viva e cheia de significados para

esses dias conturbados de pessoas que vivem como máquinas, que agem como seres irracionais por consequência do mal dos tempos: o capitalismo, — e que os destroem, tornando-os meramente seres humanos sem sentimentos e sensibilidade, com um olhar alheio e sem importância para a arte.

E ouvi-la recitar seus poemas nos faz viajar num mundo tão cheio de realidades e histórias de vida que nos encanta. Cada poema tem uma história recontada, mostrando o que muitos não conseguem perceber ao viver. E poder ouvi-la contando os fatos que a levaram a escrever cada um, é adentrar-se na sua própria história de vida, e ver-se presente ali, naquele momento, como a personagem que o eu lírico criou dentro da poesia. É ver-se como a menina que admirava as lavadeiras no rio, é ver as roupas estendidas e engomadas com goma, nitidamente brilhando em minhas retinas.

Eu poderia escrever laudas e mais laudas para expressar a minha admiração ao trabalho desta grande artista. E dizer o quanto sua arte tem relevância e significado para a nossa cidade e nossa cultura. Mas deixo aqui, meus relatos sobre um pouco do que eu vivenciei hoje, dessa experiência prazerosa em ouvir e ver a olho nu o mundo mágico da artista Creusa Salame. E um convite a quem não teve essa experiência, que vivencie, pois não há nada mais real que entregar-se a imaginação presente na arte, deleitando-se de um momento sublime e único para nós, meros seres humanos.

Aventuras de infância

Houve um tempo em que as terras eram divididas a olho. Quem chegasse primeiro marcava seu território e ali começava a criar seus animais e a cultivar a terra. E assim iam vivendo a vida, plantando, colhendo, alimentando seus animais e cuidando da terra. Também era costume criar cabras, bodes, ovelhas e carneiros e ter um bom reprodutor para ter boas crias, era regra.

Às vezes acontecia dos vizinhos não se darem muito bem, por conta de uma cabra ou outra que sumia, ou até mesmo um cabrito. E os filhos cresciam aprendendo a pastorear suas ovelhas, era uma forma de ver se o reprodutor estava em suas terras e se todas as cabras também estavam.

Quando acontecia do reprodutor cruzar com uma cabra do vizinho, eles entravam em ação. E assim que nascia o burrego olhava cautelosamente, se fossem iguais ao seu reprodutor eles pegavam o cabrito e seguravam cada um em uma perna e rasgavam o pobre ao meio, sem dó nem piedade. Só para não deixar que o vizinho tivesse um burrego igual aos seus. Coisas de meninos travessos e arqueiros.

Essas coisas eram feitas em sigilo. Nada de contar a ninguém o que faziam e se alguém descobrisse, os dois teriam que encobrir um ao outro. E negar até a morte.

Havia também as traquinagens com as galinhas, mas essas a mamãe sempre descobria, e já sabia quem eram os arteiros: João e Miguel. Eles pegavam as suas baladeiras e iam brincar, queriam ver quem tinha a mira melhor e saiam pelo quintal a atirar pedras com o estilingue nas canelas dos pintos. E quando a mamãe via dava cada grito que só se via menino correndo e se escondendo com medo do chicote de sola que doía só de ouvir o estalo. Quem era besta de esperar; uma surra com aquele chicote nem pensar.

E assim passavam o dia pela chapada a passarinhar e a pastoreando as cabras, com medo de voltar cedo para casa e dando um tempo para a mamãe esquecer e passar a raiva. No final da tarde, lá estavam eles de volta, colocando talas com mastruz machucado e envolvendo as canelas dos pintos. Já se sabe, ah meninos traquinos e arteiros, não demoravam e faziam tudo de novo.

O poeta e o eu

Seguem rumos convergentes
O poeta e o eu.
Dois feitores,
dois senhores,
que, em uníssono,
criam verdades
palpadas,
sentidas por almas livres...
Também seguem rumos divergentes
O poeta e o eu,
na partilha da emoção;
tocando o incerto alvo,
ou certo coração
de díspares amores;
de sonho
de ilusão...
E nos desviantes rumos
do diverso
universo
tão incerto
E tão seus...
repousam em paz
O poeta e o eu

Poesia e inspiração

prova de página

Poesia, tão altiva
tão dona de si...
Inspiração jamais deu cria
a essa tão excelsa
que se chama poesia.
Ela pulsa na matéria viva;
Se faz tão presente
nos céus, na terra, no mar,
na luz das estrelas,
no verde das matas,
no brilho do olhar...
na cor da flor,
na finura ou aspereza das mãos
que tocam o riso, ou acalantam a dor...
E ela transcende...
E adentra o mais íntimo da alma
E ali se aconchega...
E como semente, intrépida brota
entre as fendas da dor ou da alegria
E fronda
E abriga a plenitude da satisfação...
Num fluxo perene de sentimentos,
de emoção...
A poesia é senhora de si,
Somente conta com um amante coração,
Coração-menino
repleto do desatino e
E do destemor de dizer
que abriga a inspiração, fruto, cria
daquela tão excelsa que se chama poesia...

Sãos e loucos

O são não passa de são.
O louco é mais que são.
E são muitos, dentre os poucos “sãos”,
os loucos.

prova de página

Vence(dor)

prova de página

Quando me deparo com a morte,
Eu ainda perco o norte...
Até sinto calafrios,
Ainda a temo.
Ciente da efemeridade
da humana vida,
choro o choro alheio,
sinto a perda do outro, o seu vazio...
Mas a empatia que a morte gera em mim,
é surpreendente, me deixa forte,
me dá suporte
me faz seguir...
E crer que há um Deus-Senhor,
e está em mim o seu amor...
E este Deus torna-me mais que vencedor...
Ante o Seu poder, sei,
a morte deixa de existir,
o choro cessa, vai-se a dor...
Hoje é dia de vencer a morte...
É dia de ARREPENDER-se
e de PERDOAR...
É dia de CRER na VIDA
que gera vida,
despojar-se do ego
e AMAR...

Tempo, senhor das certezas

Nas recâmaras da vida
Verdades são escondidas.
Certezas tornam-se inúteis
diante da megera dúvida.
E nem se duvida da dúvida escondida.
Atrás da porta da mentira,
Há uma embriaguez,
Invólucro das relevâncias,
E as sobras sem importância
Ganham forma em disfarçada equidade
do homem, transmutador da verdade,
Indiscreto escultor
da mentira
Diante dela, certeza não existe
E o mundo ainda persiste
Perscrutando provas
do óbvio
E o tempo se arrasta
Ora tem pressa, ora não,
mas nunca fica na mão
de quem deseja ocultar
as certezas...
E espera persistente.
E nunca desiste.
Insiste.
O tempo avança...
Nada o detém,
É dono de si...
Senhor das certezas...

prova de página

G ê n e s i s

prova de página

Na cozinha dos sonhos
Travessos duendes
Forjavam dores e risos.
Fantasmas e pássaros,
Nas florestas e cidades
Derramavam no olhar dos homens
Presságios e cantos.
À luz do sol,
Dos sons...
Dos céus...
Dos cios...
Bedéis e menestréis
Lapidavam
Palavras e notas
Nas pedras dos rios;
Sentada no horizonte,
Uma musa
Com vestes de fada
Pregava as estrelas no céu.
Do que sobrou das estrelas
Uma artesã solitária
Fez um espelho — a lua,
Para o guerreiro mirar-se.

Tecitura ambígua

Habitam em mim
Duendes e ninfas
Que se embalam
Ao som das águas
Dos igarapés e rios...
Sonhando com os mares;
Sabem das enchentes e vazantes,
Deduzem marés e preamar.
Brotam dos meus olhos
A alegria da luz
Do nascer do dia,
E a tristeza de não-sei-bem-onde
Adornada pelo vôo das gaivotas
E das andorinhas nos finais de tarde
A povoar meus olhos.
Coexisto escárnio e mistério!
Convivo a cada segundo
Com a hipótese do fim;
Em cada curva
O gume da afiada lâmina
A esperar por mim.
Meus líquidos - mel e fel
São taças a inundar-me os leitos.
As dores na carne ínvia
Agem ambíguas em viagens e lendas.

— Sons roubam-me a cena,
É sempre assim!
Sou tantos nessa moldura
De carne e ossos...
A música que me habita

Ronda em minha mesa,
Farta de canções impossíveis.
Olho o horizonte
E tento resumir o céu
Aos pedaços que alcançam
Minhas retinas.
Os dias parecem-me tão curtos,
Já não me bastam:
Sou pouco demais para mim mesmo!
Talvez porque ainda procuro rumos
Em minhas velas enfunadas.
— O tempo é um novelo,
Nem novo, nem velho,
É só tempo, à esmo,
Sem antagonismos...
Sem dilemas...
O mundo que nos rodeia
É um abismo de sorriso largo
E o reino fugidio dos sonhos
Não contém a magia do passo que decide.
Os sonhos são mais caprichosos
Que a musa que amei.

Visões de um mago

Quanto mais o tempo passar
Melhor há de ser
Perceber que a vida
Na real é sonho em espirais,
De pedras que são mais,
No fundo outros desejos.
Em correntezas e ressacas
Comporão novos mosaicos
De amores subtendidos
Em banheiros permitidos...
Noutros distantes mundos
Pedras moldarão ondas
Rebojos e calmarias
Assim talvez, pareçam mais,
A vida... O amor...
O néctar dos sonhos
Nos bicos dos beija-flores.
O sol amanhecia em teu colo
Na tessitura dos lírios,
Das rosas e das jitiranas.
Enquanto uma lágrima
Rolava a mais, o cosmo-criador
Pairava sobre o calmo rio
A brincar, feito menino,
De espirais e destinos.

prova de página

Desmatizar cores

Pelas entrecascas das vivências
A metástase incansável
A deambular as dores
Pelas noites insones
Aliciar fantasmas
Noites e noites
Em tentativas vãs
De aplacar amores reticentes;
Amor de fato
É falho ato
A complementar odores
Uma oficina de sabores
Um franco adefágico

prova de página

Aedes aegypti

É um pernilongo rajado
Bem pequeno e silencioso
Ataca de manhã e à tarde
E mesmo sendo perigoso
A picada às vezes nem dói,
Mas o vírus dele destrói
O troço é terrível e tihoso.

E para livrar-se dele
O remédio é a prevenção,
Se ele gosta de água parada
Não deixe uma gota no chão
Destrua possíveis criadouros
E viva sem estes agouros
Evitando a proliferação.

Aqui faço minha parte
E você daí faz a sua,
Espero que o poder público
Cuide bem da minha rua
E vamos ficar bem atento
A este mosquito nojento
Porque esta luta continua.

Olha o quintal do vizinho
Denuncie a sujeira alheia
Precisamos ser vigilantes
Pois a coisa ta ficando feia!
E depois que ele nos ferrar
Só nos resta gemer e chorar
Eita, mazela que aperreia!

É um terror o *Aedes Aegypti*
Transmite Zika e Chikungunya,
É o mais temido pernilongo
Dá medo até destas alcunhas
E além de ser tão perigoso
É bem sagaz e audacioso
E atenta mais que a gramunha.

Já estamos indignados
Com esse mosquito nojento,
Que vem causando horrores
Ele é terrível e malfazente
Credo em Cruz, Ave Maria!
A tragédia da microcefalia
Que atinge os inocentes.

A síndrome de Guillain-Barré,
Também faz parte do arsenal
Já foi comprovado, ele causa
Mais esta infecção viral,
E agora é a febre amarela
Com ela macaco bate a biela
Xô, xô! Mosquito infernal!

As sete maravilhas de Marabá

A primeira maravilha
Está nestes teus dois rios,
Tocantins e Itacaiúnas
Que desde os primórdios
Para todos deu guarida
Nos encontros a acolhida,
Esbanjado os seus brios.

A tua segunda maravilha
É este riquíssimo chão
A tua terra fértil e boa
Que causou toda atração
De teu barro avermelhado
Caucho e pasto para o gado
Num despertar de paixões.

A tua terceira maravilha
Veio das matas verdejantes,
Que surgiu para encantar
Índios, caçadores e emigrantes
Foi nosso “siga em frente”
Sinal aberto pra gente,
Neste mundo aconchegante.

A tua quarta maravilha
É a tua miscigenação,
Esta mistura de gente
Que ferve neste caldeirão
É teu povo, cores e crenças
Que em meio a tanta diferença,
Por aqui vive em união.

A tua quinta maravilha
É o teu desenvolvimento,
Hoje vivenciamos o ritmo
Do teu largo crescimento
Paralelo aos quatro cantos
O shopping e outros tantos,
Que aqui cresce ricamente.

Em tua sexta maravilha
Está em teus pontos de lazer,
Todos belos e aconchegantes
Só para embelezar o prazer
As praias, parques e praças
Despontando as suas graças
Brilha nos olhos de quem vê.

E a sétima maravilha
É a nossa “Casa da Cultura”
A guardiã da nossa história
Para as gerações futuras
Registra toda a trajetória
Preserva desde as memórias
À valorização da Literatura.

*

Mulheres sempre são injustiçadas
Por coisas simples, bem pequenas,
Dilma pagou caro pelas pedaladas,
Hillary tem e-mails que a condenam.

prova de página

A Vida

prova de página

A vida é maravilhosa
E misteriosa
Tem idas
E vindas
Tem encantos
E desencantos
Tem trabalho
E descanso
Tem alegrias
E tristezas
Tem amores
E ódios
Tem saúde
E lutos
Tem início
E fim.

Amor maior

Quando você chegou neste mundo
Trouxe uma missão
De espantar a tristeza
E trazer alegrias
Aos nossos corações

Tudo ficou mais bonito e colorido
Desde o dia que você chegou
Com seu jeitinho tímido
A todos cativou
Com você somos felizes
Levi Soares, meu amor.

prova de página

*

O sentido da vida
Flui com o tempo
Com o som do piano
Com um rio que nasce
Pequeno, estreito e contido
Depois corre alegremente
Sobre pedras, pedrais e cachoeiras

prova de página

Amizade

Quero acomodar -me
Onde haja:
Sorrisos sinceros
Admiração mútua
Abraços fraternos.

Nada me fará mais falta
Do que aquilo que posso ter
Sem precisar comprar.

prova de página

*

Tenho comigo
Perguntas sem fim
Sobre tudo
Sobre nada
Sobre o universo...
Infinito
Respostas?
Não tenho
No silêncio das minhas dúvidas.

prova de página

Clarice

Quando chegastes iluminastes minh'alma!
E o teu existir fez nascer em mim Floresta.
Criei flores, criei raízes...
Pisando a grama disfarçadamente molhada,
Encontro-me ao Sol do teu aconchego,
Reinvento orvalhos docemente cravejados
De puro néctar...serenos!

Quando chegastes: uma Paz imensa invadiu-me,
E a loucura dos dias transformou-se em poesia.

Trouxeste a dança,
Uma canção...Há muito tempo esquecida!
Reinvento as noites...Criei flores
Criei Raízes...

E fiquei assim...
Completamente Viva!
Clarice.

O teu rio de saberes em mim

Quando lanço-me, imergindo em teu mundo
Contemplo paisagens vistas em sonhos
Percebo nuances de uma história, nuances de cores,
[sentimentos...
Entrelaçando o teu olhar ao meu.

Sutilmente...vislumbro maravilhas ,transformações,
Conquistas, atuações...
Onde meu saber enriquece-se com o teu Ser
Criando em mim encantamentos, premonições.

É a certeza de um porvir que nasce com o Sol
De bela luz e calor.
Capaz de aquecer meu afã bendito,
Acalentado e embalado no rio de tua vida.

E é assim que renovo-me:
Revisito a Boiúna adormecida,
Resgato a rede de sentidos,
Renasço em versos e prosas...
Emerjo com novas idéias,
Aceno feliz para um futuro
Onde o presente embarca com múltiplas verdades...
Em um horizonte de vidas que navegam...
Sendo também:
Um singelo APRENDIZ!

Transe

Da loucura de sonhos
Em trovas
Recordo uma realidade
Alada
Com cores e cheiros
E gostos e sabores
Etéreos...

prova de página

Interfaces

Um paradigma de mim mesma eu sou
Com facetas agradáveis, outras não
E de tanto ouvir quimeras
Desejos vãos,
Permito-me olhar no espelho
E esquecer que
Não importa o doce de um beijo...
O que importa, sinceramente
É o que está atrás da porta!
Por isso,
Quero ouvir o silêncio
Reinventar o meu lugar
Marcar um encontro às escondida
E quem sabe assim...
Revelar-me!

prova de página

Tarot

Rezas, mandingas para te encantar,
Adornos, Florais
Patchouli, arruda, cheiros do Pará...
Lua cheia, poesia
Céu de estrelas... profecias!

De tudo isso já sabia.

Mas teu brilho farto, tua magia
Teu jeito manso, tua utopia
Me dão o Laço!
E sem compasso
Desembaraça
E embaraça
O meu tarot
Do Verbo Amar!

prova de página

Nas margens do Tocantins

Nas margens do Tocantins
A mãe desnuda pari
Um índio pálido
De sangue ferroso
Surgido nos castanhais
Cultivado nas águas turbulentas do Tocantins.

prova de página

Ele nasce da miscigenação
Sem agasalhos, chora diante da terra nua e muda,
O sangue colore as águas,
Ouve-se um grito, um barulho ferrenho.
Marabá fecha todas as portas,
As compostas estão lacradas,
O berço familiar também se fecha,
O rio envaidecido acolhe mãe e filho,
Ouve-se a cantoria,
É o Tocantins recebendo mais um filho.

Homens e muros

Ergueram um muro intransponível
Entre a paisagem urbana e nós,
Criaram cercas nos açazais e igarapés,
Arames farpados foram estendidos
Nas estradas para deceparem sonhos e ideais,
Alguém ergueu uma muralha entre o poder e a razão,
Amordaçaram a arte: escritores, artesãos, pintores, escultores,
Artistas plásticos, músicos, dançarinos, palhaços, atores...
Um véu cobriu as praças, os palcos e as ruas.
A cidade virou pântano onde cresce o musgo,
As ruas noturnamente desertas e melancólicas,
Servem apenas para o desfile dos ébrios,
As madrugadas insólitas, asas de desabafo,
A alma da cidade foi ferida,
Não existe alma e canto urbano sem liberdade!
Os holofotes apagaram-se!
Cadê o povo?
Para onde seguirá o povo?
Além das cercas do latifúndio,
Para covas anônimas de indigentes sem funeral?
Para amarras que prendem o homem ao trabalho escravo?
Para cemitérios clandestinos de burgueses disfarçados
[de humanos?
Para uma esquina, palco da morte?
Quem ergueu tantos muros na cidade?
O muro é retilíneo e inteiriço,
Por entre pedregulhos nascem sumaúmas...
A beleza ecoa por entre pedras e alastra-se
Quebrando normas e regras prontas,

prova de página

Desafiando a dor da perseguição e do nó travado
na garganta de quem não pode mais falar.
Trincando vidraças, desviando-se das pedras,
Por entre luzes do pensamento para atingir
Uma dimensão imensurável...
E do meio da muralha erguida,
Nascem alastrando seus ramos pela cidade,
Sumaúmas férteis, renovadas.
É a nova geração com liberdade de expressão.
Está consumado!
O povo grita no meio do pântano
Agarrado aos ramos da sumaúma:
Abaixo a ditadura e viva a liberdade!

Um rio em minha vida

Um grande rio caudaloso cruzou nossas vidas,
Era o brasão, a bandeira e o portal,
Símbolo colossal do Norte,
Ponto de encontro, de encanto, de construção.
A ladeirinha era como aquarela para embelezar
Ainda mais o cais que se avistava do alto da rua dos pioneiros.
Quantas histórias vividas, escritas e paridas dentro do rio,
Encanto de cobras,
Recanto de peixes,
Uma vegetação rasteira que enfeitava ainda mais
[as suas margens,
Coqueiros que balançavam atirando cocos
[para todos os lados,
Brisa, vento, águas turvas e sonhos...
As lavadeiras disputavam tábuas, espaços e movimentos,
Todo mundo sabia tudo o que ocorria na vila,
O rio beirava a vida de todos os candangos.
Quem nunca passou pelo rio dos Bahianos?
Água para beber,
Água turva para lavar,
Água para socializar,
Água para alimentar,
Água para viver!
E o amanhecer formoso cintilando seus raios entre as águas?
O sol à tardinha revelando sua nudez de Jade
[nas águas turvas do rio.
Os saltos mortais dos meninos traquinos,
As águas desafiadas voando atingindo a plena liberdade
[até chegar no céu.

Quem viu o rio morrer?
Uma febre medonha chamada civilização,
Um mal estar do século, falta de educação
[e consciência ambiental,
Poetas, músicos, artistas plásticos, trovadores e trabalhadores
[cantaram e gritaram:
O RIO MORREU!
MORREU O RIO!
Soterrado, abandonado, sujo, poluído, taciturno.
No lugar do rio poderiam ter nascido sumaúmas
Com seu manto histórico,
Poderiam ter fertilizado açazais em abundância,
Castanheiras deveriam ter brotado diante da febre,
Coqueiros poderiam ter substituído o cemitério!
PODERIAM...
Hoje é apenas um depósito de lixo engolindo a cidade!

Trolagem do dia

Soletro o contexto
Contesto o soneto
Reviro o argumento

Não é tão distante assim
Princípio livre exposto pelo dia.

Não se finda o caminhar
Com o final da estrada

Espicha a vista
E o labirinto se apresenta.

Quando ela fala

Do que te queixas?
Já tivestes a dor do vinho
Que é derramado pelo mundo
Sobre a minha mesa,
E que escorre pelos meus dedos
E ecoam nas tristezas e feridas
Do meu coração?

prova de página

Todo vinho, toda dor, todo sangue,
Toda lágrima e todo o amor
De todos que se foram
E daqueles que ainda aguardo,
E que certamente virão,
Essa dor e esse amor é meu,
Me pertence e emana de mim
Porque em mim habita.

Assim, também, deixei
A alegria da mãe
Lhe mostrando a luz do meu mundo.
E assim me vou.
Me compadeço e sei
Que eternamente este sangue/vinho
Derramado é o meu....
E vocês ao contato
com ele me chamaram de
LIBERDADE

O andante

Transtorno!!!

Completo obstáculo oscilante em nossos caminhos.

Contorno!!!

Suave discrepância entre dar a volta e bater de frente.

No forno !!!

Sempre há uma esperança, pois esta no forno.

A dor e o adorno! !!

A primeira, é mais antiga .

O segundo, o adorno, apareceu na sequência da necessidade de colocar um sorriso no rosto. Enganar e assustar a dor.

O TRANSTORNO? Apura o foco.

O CONTORNO? Da ânimo a escolha .

O FORNO? Estamos sempre criando.

A DOR E O ADORNO? Eterno embate

prova de página

Esta rua

Naquela rua já foi visto
Crianças brincando em todo lugar
Em suas casas, serenas
Havia prosas ao entardecer
Mantinhm até fé na esperança
E continha paz no ar daquele lugar

Ali era assim, de noite jasmim,
Brisa sem fim
De dia na rotina sem clamor
Esta rua que levou meninos
Agora recebe homens
Calejados e cansados
Do sabor do sal

Mas, como é vero
Que tudo muda
Diferente a rua não podia ser
Certas pessoas
Mal diplomadas, amargas
Escureceram os jardins de lá
Trouxeram tanta indiferença
Que a hipocrisia acabou
Achando o seu lugar
E as crianças daqui
Se ouvem más não se vê
Sabem porque?
Restaram casas com gradumes
Negro horror

Rosa, é pedra aqui
Mas a luz não morre assim
A semente de jasmim
A fé no clamor
Da esperança plantou...

prova de página

Crime e castigo

prova de página

Canta cigarra alegre e faceira
E leve num longo zumbido
Pra longe daqui
A torpe e nefasta sombra
Que apavora, agora,
E espreita a nossa fauna e flora
Nos privando, assim,
De ter um luar no sertão
Ou de ouvir, então, um sabiá
Cantar em dó menor.

Será que no teu canto existe a magia
De transpor a demanda
Que o homem instalou
De levar sem plantar
De tomar sem doar?

Pois é no giro do mundo
Que a gente não pode
Deixar fraquejar
Quem tiver braço e brado forte
É neste caminho que irá trafegar

É crime e castigo
É cigarra estourada
Do luar, sertão
Só pó da estrada.

Os Manuscritos

Betina passeava pelas ruas de Paris se deliciando com o sol e as flores daquela tarde primaveril. Presente da tia Coló. Queria aproveitar seu último dia naquela cidade maravilhosa, cheia de mistérios: castelos e casarios centenários. Onde as histórias e lembranças se misturavam. Apesar de ser a sua primeira vez em Paris. Seria o famoso “*déjà vu*”.

Andava sonhando acordada. Mas ao olhar o relógio despertou e acelerou os passos. Estava escurecendo e precisava terminar de arrumar as malas. Partiria no dia seguinte.

No metrô, em pé, percebeu o olhar magnético de um belo jovem, de casaco preto com um livro aberto, porém seu olhar quase hipnótico era para ela, não para o livro. Nesse exato momento foi abordada por um jovem de uns 12 anos de idade, que desesperado, perguntava em espanhol o endereço de uma estação, atrapalhada não conseguia explicar, era turista e não sabia informar. Ela também se perdera algumas vezes no labirinto do metrô de Paris.

Uma jovencinha interferiu e explicou ao jovem desesperado o endereço solicitado, ele se acalmou e ambos saíram rapidamente na primeira estação. Naquele momento, Betina percebeu, num átimo de segundo, fora furtada. Não abriu a bolsa, mas sabia que tinha sido furtada. E num ímpeto, sem pensar saiu correndo atrás do casal de jovens e gritando em português: “pega ladrão!” Todos olhavam assustados.

Perseguindo os jovens saiu do metrô e correndo pelas ruas percebeu que os meninos escaparam, cansada e quase sem fôlego se viu em *Montmartre*, bairro boêmio de Paris.

Perambulando pelas ruas, frustrada no intento de recuperar a carteira, não viu mais os meninos. Não tinha

dinheiro para comprar outro bilhete de metrô. Como voltar ao hotel? Não devia ter perseguido os garotos. Fora impulsiva. E agora? Cabisbaixa, se lamentando e revirando os bolsos a procura de moedas socorredouras deparou-se com a noite.

E de repente seu braço foi violentamente puxado por um velho, carcomido pelo tempo. Usava roupas escuras e um capuz escondia parcialmente seu rosto, mas agarrou o braço de Betina com tanta força que ela parou instantaneamente.

Antes que gritasse o velho tapou sua boca com suas mãos esqueléticas. Betina pode mais sentir do que ver, as mãos esqueléticas de seu suposto agressor. O velho entregou-lhe um embrulho e sussurrou em um português enrolado e sofrido:

— Muito cuidado, só o veja com luvas, com l-u-v-a-s. Leve-o para longe. Para sua terra, enterre-o. Não confie em ninguém. E desapareceu na escuridão das ruas tortas e mal faladas de Montmartre.

Betina, perplexa, girou em torno de si própria a procura do velho, mas não localizou o estranho. Olhou o pacote. Embrulhado em um tecido encardido pelo tempo ou pela falta de higiene? Cheirava a mofo. Colocou-o em sua sacola e voltou sua atenção a sua falta de sorte. Sem dinheiro e cartão de crédito, como voltar?

Parada, olhou a volta e resolveu subir os muitos degraus da Basílica, quem sabe encontraria algum vigia para ajuda-la? No meio da escadaria sentiu como se estivesse sendo seguida, olhou para traz e viu um homem, de casaco escuro, vinha em sua direção, apertou o passo, o homem suspeito também. Desesperada não olhou mais para traz e subiu os degraus restantes até a entrada da igreja com uma rapidez invejável, e entrou na Basílica de Sacré-Coeur¹. Estava vazia, fechou a porta. Sentindo-se salva, regularizou a respiração e começou a procurar um esconderijo onde pudesse passar a noite.

¹ **Basílica de Sacré-Coeur:** Basílica do Sagrado Coração, fica no bairro de Montmartre – Paris/França.

Encontrou uma passagem que dava acesso ao subsolo e lá se escondeu. Ouvia passos e vozes. Betina quase parou de respirar, seu coração congelou. Vozes abafadas de dois homens chegavam até ela. Nada aconteceu. Passado alguns instantes que parecera uma eternidade, nenhum som, nenhum homem misterioso. Naquele esconderijo passou a noite. Encolhida. Esquecida?

Pela manhã saiu de seu esconderijo, misturou-se aos seus e iniciou sua caminhada até o hotel. Chegou exausta, depois de um banho, ânimo recobrado, terminou de arrumar a mala a tempo de embarcar em uma Van para o aeroporto. Despachada as malas, voou para a sala de embarque. De súbito teve uma sensação estranha de estar sendo vigiada ou mera impressão? Os acontecimentos da noite passada ainda estavam impregnados em sua alma. Seus nervos estavam em frangalhos.

Tia Coló a esperava no aeroporto ansiosa pelas novidades. Após abraços e beijos Betina foi para sua residência, seguida por tia Coló. Em casa desarrumou as malas ao mesmo tempo em que contava toda a viagem. Entregou presentes, mas omitiu os últimos acontecimentos. Não queria preocupar a gentil senhora. Que percebendo o cansaço da sobrinha foi embora.

Sozinha em seu quarto começou a desembulhar o misterioso pacote, parou..., quando se lembrou das palavras do velho carcomido pelo tempo. Procurou por um par de luvas e após calçá-las continuou a desembulhar e deslumbrada deparou-se com vários rolos de pergaminhos com iluminuras medievais belíssimas.

Extasiada tentou ler, mas não sabia o idioma e tão pouco conhecia os símbolos desenhados. Onde escondê-los? Resolveu colocá-los em caixas de sapatos, porém separados. Manteve alguns rolos no embrulho original.

Uma semana após o retorno, Betina, estava voltando do trabalho e em frente ao prédio em que morava foi abordada por dois homens. O homem mais velho, com forte sotaque francês,

sussurrou no ouvido de Betina:

— Você trouxe algo de Paris que me pertence. Devolva-o e tudo ficará bem e, discretamente, mostrou-lhe um revólver escondido na cintura. Em silêncio, subiram até o apartamento dela.

No apartamento, o francês, pediu educadamente que lhe entregasse os manuscritos. Betina sem nada falar pegou o embrulho que recebera e ainda exalava o cheiro de mofo e entregou-o ao agressor. Este pediu os outros. Ela alegou ter recebido somente aqueles rolos e se existissem mais não estava com ela.

O desconhecido iniciou a leitura, passou a mão sobre as iluminuras e molhava o dedo indicador com a própria saliva e em seguida passava-o no manuscrito para separar as folhas desgastadas pelo tempo. Depois de breves segundos, o homem mais velhos esboçou um meio sorriso e saíram em silêncio.

Passado uns vinte minutos ouviu barulho de sirene, foi à janela, viu a ambulância e tumulto de pessoas. Ligou para o porteiro, este informou que um homem gritou desesperadamente em seguida caíra morto. Betina foi até o local com uma leve sensação de conhecer o tal homem.

E reconheceu, estava morto de olhos arregalados e boca arroxeadada e estatelado no chão, olhou a sua volta não viu o outro agressor nem o pacote com o manuscrito. Voltou ao seu apartamento e dado os acontecimentos entendeu que precisava esconder os outros manuscritos longe de sua casa.

Na manhã seguinte, enquanto tomava o café da manhã lia a manchete do jornal: **FRANCÊS MORRE ENVENENADO EM PLENA SÃO PAULO.**

O telefone tocou, ao atender reconheceu a voz pausada e suave da tia Coló, convidando-a para o final de semana prolongado em sua fazenda. Betina aceitou no ato, fugiria daquela loucura e, colocaria em ordem seus pensamentos.

Na fazenda, Betina e Coló, passavam as tardes e as noites conversando, relembando familiares e fatos passados. Em

uma dessas conversas tia Coló disse que Betina era sua única herdeira testamentária.

Na manhã seguinte, Betina, saiu para passear, a cavalo, carregando os manuscritos, escondidos, para enterrá-los embaixo do pé de ingá. Afinal tia Coló havia dito que tudo aquilo seria dela, um dia. Portanto tudo ali lhe pertenceria e poderia esconder aqueles manuscritos até descobrir o que eles significavam.

Naquela noite, tia Coló, não quis conversar, estava um pouco indisposta, por isso foi dormir mais cedo. Sem nada para fazer Betina também foi dormir, mas acordou de madrugada, ouvindo passos abafados no assoalho de madeira. Pé ante pé, e, só com a luz da lua resolveu verificar o que estava acontecendo. Estarrecida, pela fresta da porta do escritório, viu o velho carcomido pelo tempo juntamente com o comparsa do francês que morreu envenenado segurando as caixas de sapatos que havia enterrado. Tia Coló usava luvas e tinha um sorriso maldoso e um olhar gordo em cima dos manuscritos que segurava.

Betina, como um gato, saiu esgueirando-se pelas paredes da casa e voltou ao quarto silenciosamente, sem deixar rastro.

O essencial

prova de página

Ondas do mar tranquilas
serenas ...
Eu lhes pergunto:
O que é essencial para mim?
Sinapses mentais se abrem
em centenas
ao que recebo e ao que emito
em centramento
do meu conhecimento
Atração de situações e pessoas
acrescentam
eu correspondo
como ondas de luz em pérolas
suaves se expandem
disponibilizadas ao outro
equilibrando...
assimilando...
recebendo...
Assim como o mar contém a porção
de suas águas
liberando o essencial às margens
estando em tréguas,
Eu respiro e aspiro a quantidade
exata
O essencial da minha fala
é o calar na hora certa.

Caminhos neurais

Soçobrando impressionou
o inconsciente
em arquétipo se encolheu
numa rosa negra
O peso já se foi
querendo voltar
no círculo da repetição
limitante
Luto e venço
Novos caminhos neurais
dos mundos surreais
encontram-me
O voo nas plumas dos meus
desejos
recolhem-me
das pétalas negras
Enquanto silencio consciente
percebo que “tudo posso
naquele que me fortalece”.

prova de página

Possibilidades

prova de página

Aprendo o todo
do novo
Abro mão do que não sei
do outro
Tudo flui em mim
Sou o micro registrando
o macro
Acesso novos pontos
sem julgamentos
Sou movimentos
de partículas no espaço
O grande cérebro cósmico
que em tudo vigora
no universo
amplia-se em tentáculos
de imensos neurônios
universais
Conectam-se
em mim
em mananciais
Consciência do “mais”
sem fim
de possibilidades
Registros de sinapses
mentais em sínteses
Sou criança crescente
veloz
fluindo dentro
de nós
em livramento.

Conto meus dias

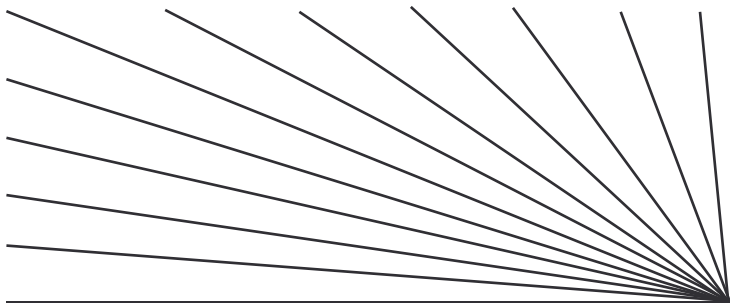
Nas pontas dos dedos
conto meu passado
na cor dos cabelos
Conto meu futuro
nos desejos de Deus
O presente está pisando
no chão
Ou não!
Desliza feito água de cheiro
evaporando por inteiro
Como incenso que veste
minhas ilusões
nas letras das canções
que em cada melodia
de amor me reveste.

prova de página

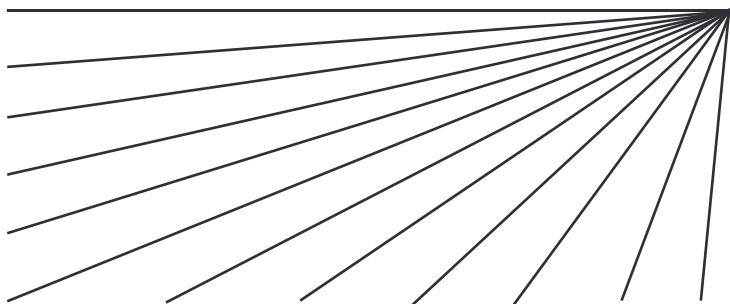
A arte é o real vestindo uma convicção

prova de página

As pessoas do amanhã
serão humildes
projetarão grandes visões
para qualquer parte
qualquer parte estará no Todo
O Todo é Deus na Terra
em tuas vibrações
Se a tua culpa não existirá
tua clemência se anulará
Os silenciosos conhecimentos
Juntar-se-ão a tua grandeza
solicitada pelo espírito
Tuas secreções aspergirão perfume
quando teu corpo cremar
O fogo que te faz chorar
É o mesmo que destrói
tua dor
O ódio vem do mesmo
coração que bombardeia
amor.



AUTORES E AUTORAS



Abilio Pacheco de Souza

Doutorando IEL-UNICAMP. Foi bolsista-estagiário na Universidade Livre de Berlin com bolsa do DAAD nos semestres de verão 2015 e inverno 2015-16. Professor na UFPA (em Bragança). Autor do romance *Em Despropósito*, entre outros livros de criação literária. Escreve crônicas e outros textos sem regularidade em: www.abiliopacheco.com.br.

Poemas:

Disfarce / Aula de geografia / Consulta médica ou dores familiares /
Humanamente iguais



Airton Souza

Poeta e professor. Nasceu em Marabá, no Pará. Tem mais de 20 livros publicados. É ganhador de diversos prêmios literários, e só em 2017, até outubro, esteve entre os vencedores de mais de dezoito prêmios literários. É sócio fundador da AESSP, e Acadêmico fundador ou efetivo de diversas Academias de Letras. Atualmente é mestrando de Letras, com ênfase nos estudos literários, pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa.

Poemas:

as mãos do nosso pai / a mãe como nenhuma raiz / o pai & seu olho
atravessado de rota / ao desafogar a cabeça de dentro de si / mãe, o
pai não sabe



Aldemira da Costa Aguiar

Nascida em Bacabal-MA em 1945. Mora em Marabá desde 1976. É professora normalista, viúva, aposentada, artista plástica e poeta. Tem dois livros publicados: *Respingos de Sabedoria* e *Pelos Caminhos*. É membro da AESSP e acadêmica fundadora da ALB-Academia

de Letras do Brasil – Seccional Sul e Sudeste do Pará; Participa de várias Antologias.

Poemas:

O rio... / Meu próximo, onde está? / Amor & paixão / O tempo não para... / Meu próximo, onde está?



Ana Delice Santos Feitosa

Nasceu sobre o solo dourado do ouro paraense. Funcionária pública, professora há 28 anos, pedagoga, arte educadora, pós-graduada em seis áreas de lato sensu, mestre e doutora em ciências da educação. Escreve para deixar pegadas e registros para as próximas gerações. Mora em Marabá.

Poemas:

Lazo umbilical / Anjo ultimogênito / Passarela / Menina flor



Auridéa da Silva Gomes de Moraes

É natural de Castanhal-PA, mas mora em Marabá desde 2002. É associada da AESSP, tem 02 livros de poemas publicados e participação em várias antologias. É ainda Acadêmica fundadora da ALERPRE (Academia de Letras de Rondon do Pará e Região).

Poemas:

Pensamento / Nada se pode fazer / Silêncio / Caminhos / Identidade



Adalberto Marcos da Silva
(Bertin Di Carmelita)

Poeta, compositor, ativista cultural, membro fundador da AESSP-

Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará (atual Presidente), membro fundador da ALB - Academia de letras do Brasil- Seccional Sul e Sudeste do Pará, membro perpétuo da ALMA-Academia de letras de Marabá.

Poemas:

Ausência do sol / Procissão / Que nem tatu / Reino do silêncio / Um colibri solitário



Cláudia Maria Gomes Chini

É advogada, Conselheira da OAB Subseção Marabá e do COMDIM (Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Mulher), palestrante e colaboradora jurídica do Fórum Permanente de Mulheres de Marabá, membro fundadora da AESSP e autora do livro *Entreabrir-se...*, na 3ª edição do Projeto Tocaiunas, e da ALB - Academia de Letras do Brasil, Seccional Sul e Sudeste do Pará.

Poemas:

Feminicídio / Intolerância / Perda / Cio / Tosca ilusão



Maria Creusa da Silva Salame
(Creusa Salame)

É poeta, escritora, artista plástica e professora. Nasceu na cidade de Igarapé-Açu, no povoado de São Jorge do Jabuti, no Pará, no ano de 1940. É autora dos livros: *Crônicas e Poesias*, 2013, *Algumas Verdades*, 2014, *Vivências*, 2015, do livro *Breves histórias de Marabá*, também lançado pelo Projeto Tocaiunas, em 2016.

Crônicas:

Relato de vida / Divida a felicidade / Minha homenagem, embora tardia / Bené um grande amigo / Sobre Bené

Dan Baron

O Galês e hoje, Marabaense, Dan Baron, é escritor e arteducador desde 1977. Vive com comunidades em risco no Brasil desde fevereiro de 1998, convidado em 1999 ao criar o monumento coletivo 'As Castanheiras de Eldorado dos Carajás'. Se aliou com 'Vozes do Campo' na UFPA-Marabá ente 2004-11, se enraizando na comunidade Cabelo Seco em 2008, na defesa de uma Amazônia justa e sustentável. Estes poemas surgiram de conversas no projeto Rios de Encontro, publicados na sua pracinha.

Poemas:

Projeto / Alfabetização I / Alfabetização II / Garupa / Carta de Mariana / Amazônia saudável



Francisca Maria Cerqueira da Silva

É maranhense, mas se constituiu como pessoa, professora e poeta na cidade Marabá. Tem três livros de poemas publicados e participação em várias antologias. É membro-fundadora da AESSP – Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará; Acadêmica fundadora da ALB - Academia de Letras do Brasil, Seccional Sul e Sudeste do Pará, e da ALERPPE - Academia de Letras de Rondon do Pará e Região.

Contos:

Contos de ausências: I, II e III.



Francisco de Assis Santana Duarte

É natural de Araguatins-To e reside em Marabá-PA desde 1984. É poeta, contista e cantador. É membro da ALB-Academia de Letras do Brasil, Subseção Sul e Sudeste do Pará e da ALMA-Academia de Letras de Marabá. Suas obras: Ave Vadia; Paradoxo e Obsceno; o

Silêncio e a Canção; Navalha na Carne (poesias) e As Aventuras de Zé Lorota (contos). É formado em Direito pela UFPA.

Contos:

Olhos aflitos / Vontades / Romântico / A terra que lhe restava



Gabriela Pereira da Silva
(Gabi Silva)

Nascida em São Paulo, capital, mudou-se com a mãe, Dona Aparecida, para Marabá, quando ainda tinha dois anos. Servidora pública, professora, licenciada em Letras Língua Portuguesa (UFPA), Especialista em Abordagens Culturalistas: saberes, identidades e diferenças culturais na/da Amazônia pela (UNIFESSPA), integrante da Cia. de Contação de histórias Historiar-te e membra da AESSP.

Conto:

Em noite de ladainha



Glecia da Silva Sousa

Escreve desde os seus 15 anos de idade, quando começou a sentir de fato, gosto pela leitura de poemas. Têm como livros publicados: Entre Versos e Rimas, Rios (De) Versos, ambos pelo Projeto Tocaiunas, Por um fio, e Desvendar (também pelo Projeto Tocaiunas). E publicação nas antologias: Vozes do Sarau, Antologia da AESSP, no I e II Anuário da Poesia, Metacantos - com o poema “Instinto”, 100 poemas e prosas por Marabá, Ponto & Vírgula e Mandala.

Poemas e contos:

Divisão social / Numa manhã nublada de inverno / Aventuras de infância

Iraíde Pereira dos Santos

Professora, mãe, nascida no interior maranhense em 1965. Em 1974, aconchegou-se nesse recanto paraense, Marabá. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará (1992), com especialização em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação. Participou da “Antologia Vozes do Sarau” (2015) com alguns poemas como, “Fim da estrada”, “Sem chance”, “Chuva” e outros.

Poemas:

O poeta e o eu / Poesia e inspiração / Sãos e loucos / Vence(dor) / Tempo, senhor das certezas



Francisco Xavier Pereira dos Santos (Javier Di Mar-y-abá)

Marabanês, como diz quando perguntado onde nasceu; é poeta, professor de Educação Física, compositor, intérprete, ator e ativista cultural. Atualmente está à frente da Academia de Letras do Brasil – ALB secção sul e sudeste do Pará; é, também, membro da Academia Marabaense de Letras-ALMA.

Poemas:

G ê n e s i s / Tecitura ambígua / Visões de um mago / Desmatizar cores



Lusinete Bezerra da Silva (Lusa Silva)

É professora e participa atualmente de diversos projetos literários existentes em Marabá, entre eles o projeto TOCAIUNAS I, II e III e é uma das sócias fundadoras da AESSP – Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará e a da ALB - Academia de Letras do Brasil Seccional Sul e Sudeste do Pará. Mais informações em “Os Cordéis de Lusinete – Lusa Silva” ou <https://lusinetebsilva.blogspot.com.br>

Poemas:

As sete maravilhas de Marabá / Aedes aegypti / Mulheres sempre são injustiçadas



Maria de Jesus Almeida

Nasceu em Araguaína, no estado do Tocantins, radicada em Marabá, no Pará desde 1977. É professora, poeta e ativista cultural. Licenciada em letras, com habilitação em Inglês/Português e Literaturas, e pós-graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, É associada à AESSP. Tem poemas publicados em duas Antologias: Antologia Mandala e Anuário da Poesia Paraense III.

Poemas:

A Vida / Amor maior / O sentido da vida / Amizade / Tenho comigo



Patrícia Luz Pinto

É natural de Belém do Pará, graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará com Especialização em Saberes Afro-Amazônicos. Exerce a profissão de Arte Educadora na rede municipal de ensino de Marabá. Contadora de Histórias, atriz, compositora e marabaense de coração.

Poemas:

Clarice / Interfaces / Transe / O teu rio de saberes em mim / Tarot



Rosa Peres

A arte tem sido o fomento na carreira de Rosa Peres que descobriu a magia da escrita aos 03 anos. É membro da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense, Academia de Letras do Goiás e Academia

de Letras de Rondon, da AESSP-Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará e Representante da Rebra - Rede de Escritoras Brasileiras.

Poemas:

Nas margens do tocantins / Homens e muros / Um rio em minha vida



Antenor Sérgio Dias

Nasceu em Belo Horizonte /MG em 18/11/1959. Chegou em Marabá/PA em 1983 atuando no movimento sindical desde então. É sócio fundador da AMASP - Associação dos Músicos e Artistas do Sul e Sudeste do Pará. É sócio da AESSP - Associação dos Escritores do Sul e Sudeste do Pará. Participou de diversos festivais de música pelo Brasil e é um dos fundadores do FECAM - FESTIVAL DA CANÇÃO EM MARABÁ.

Poemas:

Trolagem do dia / Quando ela fala / O andante / Esta rua / Crime e castigo



Vânia Ribeiro de Andrade

Crê em Deus, na vida e nas pessoas. Enquanto escritora se considera contista, na condição de contadora de estórias para que os leitores mirins possam sonhar e viajar em terras de fantasia e magia. Enquanto ativista cultural defende a leitura como forma de inserção social e desenvolvimento da capacidade emocional e intelectual dos jovens leitores.

Conto:

Os Manuscritos

Walquiria Sampaio Gouveia

É Professora mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura. Publicações: “Pétalas de Mim”(poesias) pelo projeto Tocaiunas III; “Iara do Uxiteua”(romance). Participação na Antologia 100 poemas & Prosa por Marabá; Antologia Mandala; II anuário da Poesia Paraense (2016), organizadas pelo poeta Airton Souza; É membra fundadora da AESSP; e acadêmica da ALB-Academia de Letras do Brasil - Seccional Sul e Sudeste do Pará.

Poemas:

O essencial / Caminhos neurais / Possibilidades / Conto meus dias /
A arte é o real vestindo uma convicção

Livro impresso em Adobe Caslon Pro 12/18,
em papel pólen soft 80g/m², para a Pará.grafo Editora,
em Dezembro de 2017.